

RevistaDigital

FE CRISTÃ

Edição 7, ano 2, n 7, março de 2021

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Conversando com:

Rev. **Ludgero**
Bonilha

Natanael Castoldi

A necessidade psicológica do sofrimento.

SUMÁRIO

- 4 Editorial**
- 5 A caixa preta da cultura - Parte 1**
- 10 SIC MUNDUS CREATUS EST: Design Inteligente**
- 14 ARTIGO ESPECIAL:
Teologia da Prosperidade: Desconstruindo o
triunfalismo das igrejas pós-modernas**
- 23 CONVERSANDO COM...
Rev. Ludgero Bonilha**
- 31 A necessidade psicológica do sofrimento**
- 37 A pregação triunfalista**
- 40 "Eu não prego teologia da prosperidade, eu
prego prosperidade bíblica."**
- 43 A nova Roma**
- 51 TEOLOGIA SISTEMÁTICA:
A cognoscibilidade de Deus**
- 55 A vida cristã como uma obra de arte**

FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta
EDITOR-ADJUNTO: Jhean Almeida **CAPA:** Gabriel Ferreira
DESIGN INTERNO: Marcos Motta **REVISÃO:** Lorena Garrucho
CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO: Equipe de colaboradores
DIAGRAMAÇÃO: Marcos Motta
PUBLICIDADE / DIVULGAÇÃO / PROPAGANDA: Equipe de colaboradores
ATENDIMENTO AO LEITOR: Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 7, ano 2, nº 7, março de 2021, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

twitter.com/revistafecrista

Um câncer na Igreja

Segundo um fórum de perguntas e respostas que consultei,

“cancros como as leucemias agudas (cancros do sangue) podem matar-te em dias se não fizeres tratamento. Tumores cerebrais agressivos, pâncreas, estômago e câncer de fígado podem matar você dentro de 3-6 meses sem tratamento. A maioria dos cânceres de mama, ovário e pulmão o matará dentro de 6 meses a 1 ano se não for tratado. Certos tumores de crescimento lento, como tumores neuro-endócrinos do pâncreas, tumores cerebrais e musculares de baixo grau, podem durar alguns anos sem tratamento ou sintomas. Mas, eles são geralmente fatais em 3-5 anos se não forem tratados. Certos tipos de câncer, como leucemia linfocítica crônica (um câncer de crescimento lento no sangue), câncer de próstata e linfoma folicular (um câncer de linfonodo de crescimento

lento) podem não requerer tratamento por anos ou décadas. O câncer geralmente sobrevive ao paciente.”¹

Ou seja, é totalmente possível que alguém permaneça por longos anos com alguma espécie de câncer em seu corpo sem que necessariamente venha à óbito.

Na verdade, todos nós temos células cancerosas em nosso corpo, desde sempre. Ou, para ser ainda mais enfático: todo corpo tem suas próprias células cancerosas. Elas geralmente morrem antes que o seu crescimento se torne algo incontrolável.

Por fim, há tipos de câncer que podem progredir tão lentamente que, se tratados, nunca causam problemas. E há aqueles que, mesmo perigosos, por serem combatidos devidamente, cessam de crescer e, com o tempo, desaparecem.

Você deve ter reparado, por causa da capa, que nesta edição da Revista Fé Cristã, vamos tratar da maldita *Teologia da Prosperidade* - esse câncer que a Igreja carrega em seu corpo há algumas décadas. Esperamos que estes artigos, que foram escritos por irmãos santos, piedosos e tementes a Deus, despertem você para longe desta doença.

Cânceres tratados podem não causar problemas. Se combatidos devidamente, com o tempo, podem cessar de crescer, desaparecer. Todavia, um câncer não tratado, mais cedo ou mais tarde, levará o corpo à morte. A Igreja, como Corpo invisível de Cristo, espalhada por todo o mundo, não morre. Deus a sustenta. Mas, igrejas locais sim. É possível que, por cultivar um câncer espiritual, Deus retire-se dela, e ela venha a morrer. Deus nos ajude.



MARCOS MOTTA
Editor-chefe

¹ *Por quanto tempo alguém pode viver com câncer e sem receber nenhum tratamento?* Em [https://www.fasbi.com/17498/por-](https://www.fasbi.com/17498/por-quanto-tempo-alguem-pode-viver-com-cancer-e-sem-receber-nenhum-tratamento.html)

[quanto-tempo-alguem-pode-viver-com-cancer-e-sem-receber-nenhum-tratamento.html](https://www.fasbi.com/17498/por-quanto-tempo-alguem-pode-viver-com-cancer-e-sem-receber-nenhum-tratamento.html). Acesso

em 01 de março de 2021, às 12h:50min.



A CAIXA PRETA DA CULTURA

PARTE 1

Uma reflexão sobre "a aquisição da e a imersão na
língua nativa como meio de pregar o Evangelho"

“No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus...todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez [...] O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder”, (João 1:1-3/ Hebreus 1:3).

Há uma linguagem - há certa mensagem fluando em todos os lugares, como vemos no Salmo 19: *“um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Não há linguagem nem fala onde não se ouça a sua voz”, “os céus declaram a glória de Deus e anuncia a obra de suas mãos”*.

O mundo conhecido é um mundo totalmente contingente, totalmente necessário, o ser humano que o diga! Se nos faltasse água, elemento básico de nossa existência, estaríamos fadados ao extermínio, ao fim. Tudo ao nosso redor evidencia dependência. Talvez, seja isso que os versos acima estejam nos mostrando: que o mundo em que vivemos é um mundo criado. Não somente isso, este é um mundo com propósitos, e não somente propósitos materiais, mas também propósitos eternos. E mais: existe a centralidade da “Palavra” – ela é o eixo de seu sustento. Para tudo o que olhamos e experimentamos,

utilizamos palavras a fim de que possamos expressar o que estamos pensando ou sentindo.

Deus usou palavras para construir o Universo, usou palavras para se revelar, e encarnou o Verbo, Jesus, a poderosa manifestação da Verdade. O que tudo isso tem a ver com Missões Transculturais? Penso que tudo. Simplesmente tudo.

Antes de abordarmos nosso tema, que é sobre o preparo linguístico, permita-me uma analogia. Quando aeronaves sofrem uma queda, uma pericia especializada é instaurada para investigar o que aconteceu. Procura-se, então, a “caixa preta” (que na verdade é de cor alaranjada) da aeronave. Nela, estão contidas as informações de tudo em relação ao voo: as mensagens trocadas com a torre de controle mais próxima, os áudios de microfones dos pilotos, as medidas tomadas por eles, as informações de equipamentos e tudo o mais que envolve a aeronave. Esta caixa é procurada na tentativa de explicar e revelar o que causou o acidente.

Quando olhamos para a vida como se ela fosse um percurso, um voo, podemos imaginar que haja, também, uma “caixa preta” que contenha, ou que esteja armazenando todos os dados necessários acerca deste “voo da vida”.

A Palavra de Deus é nossa “caixa preta”. Nela está contida a explicação real de quem é o ser humano, a interpretação fiel do que é o mundo, e seu propósito, que é glorificar a Deus.

Na Palavra de Deus, encontramos, pelo menos de maneira linear, um processo que está em andamento, que inicia com a Criação, e segue com a Queda do homem, terminando na redenção, por Jesus Cristo. É certo dizer que nem todos chegam ao final do percurso, a última parte do processo, porém, todos participam tanto da Criação quanto dos efeitos da Queda, de maneira que, agora, a humanidade está entregue a esses efeitos.

Por esta razão, a revelação especial em Cristo, o Evangelho é a resposta aos dilemas enfrentados por todas as culturas devido ao seu distanciamento de Deus (Romanos 1:21). O Evangelho é o meio de voltar ao caminho perdido, é o caminho de descanso, de repouso. Como comenta James Smith (2017), parafraseando Agostinho em suas *Confissões*, não há descanso enquanto não estivermos em Deus. Smith acrescenta que somos como bolas embaixo d’água, que mesmo pressionadas para permanecerem submersas, não deixam a inquietação até tomarem impulso para cima, para a superfície, de maneira que, quando sobem,

finalmente se aquietam. Esta é uma analogia acerca do estado dos corações humanos que, inquietos, não encontram repouso para sua alma (Hebreus 4:8) enquanto não encontram o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14:6).

Missões transculturais, portanto, estão íntima e intrinsecamente ligadas à linguagem divina, à Palavra, ao propósito eterno, e a Igreja é mais que uma instituição humana, é o Corpo de Cristo na Terra, a representante legítima dessa mensagem de Deus, que aponta o descanso, a superfície, a última e essencial parte do percurso aos homens. Por estas e muitas outras razões, Jesus deu aos seus discípulos a missão de proclamar a todas as nações as Boas Novas (Mateus 24:14; 28:19). Isto implica conhecer as nações, com sua cultura e **língua**. Neste artigo abordaremos a importância de se aprender a língua da sociedade para a qual desejamos levar as Boas Novas, como requisito indispensável para uma comunicação eficaz.

A língua local - a “caixa preta” da Cultura

Em nossa introdução, mencionamos a importância da Palavra - por ela Deus fez os mundos, por ela sustenta todas as coisas. Assim, entendemos que há primazia na linguagem. Saussure (2006: 24) acrescenta que a língua é um “sistema de

signo que exprime ideias”, pois, por ela comunicamos sentimentos, emoções e ideias, de maneira que possamos compreender e ser compreendidos.

Deus constituiu a palavra dita e escrita como meio de comunicar Sua vontade, Seu amor, Seu projeto, Seu plano, e se revelar à humanidade. Nisso, a linguagem [a língua, a comunicação] ocupa um lugar de centralidade nas culturas humanas, pois, por meio dela nos aproximamos uns dos outros, conhecendo as motivações e as ideias que estão por detrás das crenças e tradições, enfim, ela é a “caixa preta” da cultura - como diz Fernando Pessoa: “Minha Pátria é minha língua”.

O linguista Roman Jakobson expõe que a língua é “o mistério da ideia incorporada à matéria fônica, o mistério da palavra, do símbolo linguístico, do Logos, um mistério que pede para ser elucidado” (FIORIN, 2003: 02). Conhecer a língua é conhecer profundamente a cultura, conhecer anseios, desejos, paixões e motivações, além de que esta é a conexão para todo tipo de manifestação de um povo e “assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação”, (FIORIN, 2003:06).

A língua é um patrimônio valioso, muitas vezes tido como acessível somente aos

falantes da cultura. Me recordo de quando estava em missão no sertão da Bahia, em contato com os ciganos *Calon*. Pude aprender algumas frases na língua *Calon*, mas quando o chefe daquele grupo ficou sabendo disso, proibiu a continuação de minha aprendizagem, dizendo que revelar sua língua era colocar em declínio a história do povo *Calon*.

O missionário e antropólogo Paul Hiebert indaga: “Como podemos traduzir o Evangelho para novas formas culturais e comunicá-lo com eficiência?”

Segundo Hiebert (2010), a tarefa missionária se concentra em uma comunicação interpessoal — entre Deus e os homens, e entre os homens e outros homens. Para que isso tenha êxito, é necessária muita dedicação dos missionários, a fim de adquirir um domínio linguístico apurado. A demora na aprendizagem da língua local poderá acarretar muitos males no projeto da missão, trazendo frustrações e, por vezes, até quadros depressivos no psicológico do missionário. Um treinamento linguístico é recomendado antes do envio de qualquer missionário a uma missão transcultural.

Para que se possa evitar esses equívocos, é necessário que se passe tempo com o povo local. Conviver com o povo nos ajuda a conhecer o seu

cotidiano, a compartilhar do mesmo mundo - “somente assim podemos ter acesso à forma como o povo pensa, se organiza e a seus valores” (LIDÓRIO, 2011:33).

O construto social de um povo, seja tribal ou urbano, está situado nas ideias compartilhadas, e o acesso a elas dependerá de um contato aproximado e especializado, que se dá principalmente através da língua do povo. O mundo é definido em forma de ideias, e essas ideias são expostas principalmente através da fala. Segundo Lidório (2011), cabe ao missionário categorizar seus valores, e transcrevê-los em forma de escritos inteligíveis, de maneira que seja construído um universo de comunicação entre as partes. Tal ação exigirá a aquisição da língua, a qual abre a “caixa preta” da cultura, revelando os detalhes das crenças, os “porquês” das atitudes etc.

A eficiência no anúncio da mensagem exige esforço árduo no empreendimento de aprender um novo idioma. Lidório (2010) sugere alguns quesitos de suma importância para tal tarefa, sendo eles:

- 1- **Coleta e organização** – anotar e descrever o ambiente, bem como as palavras mais frequentes.
- 2- **Estudo e análise** – localizar verbos,

substantivos, frases e catalogá-las.

- 3- **Prática e convívio** – procurar lugares onde as pessoas transitam e dialogar utilizando o que se aprendeu.

- 4- **Informante e preparação de sessões** – ter um informante e separar tempo para estudar os fonemas, expressões culturais e sentenças.

- 5- **Estudo individual** – praticar principalmente a parte fonética, distinguir sons, e treinar a pronúncia.

Num país em que se fala muitos dialetos, como por exemplo Burkina Faso, na África, onde se fala 63 dialetos oficialmente reconhecidos, é aconselhado que o missionário se concentre naquele idioma que majoritariamente é compartilhado naquela região onde se haverá de trabalhar.

Me lembro de nossa viagem a esse país. Na ocasião, estava aprendendo o dialeto *djoula*, visitando uma aldeia *Fulani*, na qual se fala o dialeto *fulfude*, além do francês. Tentei dialogar em *djoula* e francês para aprender alguma coisa em *fulfude*, mas meu informante percebeu minha ineficiência no *djoula* e começou a brincar comigo, rindo de minhas tentativas. Confesso que fiquei frustrado, mas, depois, criamos um certo laço amistoso, enquanto

permaneci na aldeia. Isso me mostrou que, mais do que falar bem, é importante criar relacionamentos, a fim de que o estudo da língua tenha prosseguimento. Lidório sugere o praticar com crianças, pois ainda que riam, o importante é manter o momento descontraído para que haja continuação na prática do idioma. Por fim, o resultado será satisfatório, e o Evangelho poderá ser apresentado como algo familiar e bem compreendido.

Às vezes, um idioma intermediário servirá de ponte para o aprendizado de um idioma novo, como foi o caso da missionária americana Sophie Müller (2003), entre os *Kuripaco*, no rio *Içana*, nas selvas brasileiras e colombianas, onde começou a aprender a língua local através do espanhol. Apesar do abismo cultural entre as línguas, ela pôde aprender o idioma e traduzir a Palavra de Deus para a língua local. O aprendizado da língua e da cultura cria pontes de compreensão entre os povos.

Em concordância com Freitas & Queiroz (2012: 236), “cada povo, cada língua, elabora suas atribuições de significados de acordo com seu contexto de vida e com a utilidade dos objetos presentes em seu mundo”. Isto significa dizer que cada idioma tem seu sistema de símbolos próprios e, neste quesito, o missionário encontra, em seu trabalho de

aquisição da língua, a necessidade de “traduzir” os símbolos, para compreendê-los em seu próprio contexto cultural e suas diversificações, devendo ter um caderno de anotações e meios tecnológicos para catalogar as informações.

Para Hiebert (2010:143), os símbolos de uma linguagem situam significados, formas, pessoas, funções e contextos. *Significados*, por que uma mesma expressão fonética como “árvore” pode ser aplicada em diversos contextos – *literalmente*: árvore como planta; ou *metaforicamente*: árvore como descendência genealógica. *Formas*, porque as culturas podem usar formas diferentes que significam a mesma coisa, e a linguagem somente é possível num mundo de pessoas e contextos, onde acontecem os fenômenos linguísticos.

Eugene Nida & William D. Reyerburn (1998) abrem seu livro, *Significado y Diversidad Cultural*, dizendo que “toda comunicação entre culturas diferentes traz consigo problemas de significado”, mostrando que o trabalho linguístico tem diversas barreiras a serem vencidas, e uma delas é entender o significado interiorizado em cada expressão cultural.

Conhecer um idioma é imergir na cultura através de todos os ângulos possíveis, é penetrar o mundo social, histórico e as peculiaridades culturais, e é


um trabalho exaustivo, haja vista que existem relatos de missionários que gastaram a vida toda para compreender um idioma nativo e traduzir as Escrituras para tais idiomas. Estes empreendimentos exigem conhecimentos teológicos, exegéticos, domínio das línguas originais, bem como uma equipe assessora para produzir todo o material, demandando tempo. Este é o caso, por exemplo, da tribo *Wai-Wai*, de Roraima (Brasil), com os quais os missionários gastaram nada menos que 54 anos na tradução da Bíblia para sua língua nativa.

Na próxima edição, publicaremos a segunda parte deste artigo, na qual trataremos da questão dos *povos de línguas ágrafas*, isto é, que não possuem, para o seu idioma, um sistema de escrita, alfabeto e gramática.

Também na próxima edição, ao final do artigo, publicaremos a bibliografia completa utilizada na elaboração deste material.



João Paulo Vargas é Missionário da SEMADI, Secretaria de Missões da Igreja Assembleia de Deus do Ipiranga, São Paulo - SP. Bacharel em Teologia pela FATERJ/RJ, o missionário fez Licenciatura em História pela Faculdade Integrada de Araguatins/TO, bem como Especialização em Antropologia Intercultural pelo Centro Universitário de Anápolis/GO, Especialização em Docência Superior pela Universidade Cândido Mendes/RJ, Especialização em Ensino da Filosofia pela Faculdade FUNIP/MG. Pós-graduando em Teologia Sistemática pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. Tendo atuado com plantação de igrejas no Nordeste Baiano e no estado do Amazonas, com comunidades ribeirinhas e indígenas, atualmente está se preparando para um projeto de plantação de igreja, escola e posto de saúde, que se chamará “*Nouvelle Vie*”, em Burkina Faso, na África. Casado com Almirana e pai da Sarah.



SIC MUNDUS CREATUS EST

DESIGN INTELIGENTE

***Olá meus queridos! A Paz!
Tudo bem com vocês?***

Hoje, estamos avançando para o último artigo de nossa série sobre a origem da vida. Há tantos assuntos em minha mente, que gostaria de tratar com os irmãos, ideias ainda no campo do planejamento, que fico feliz de estarmos encerrando esta sequência, para que possamos tratar de novos temas igualmente grandiosos - embora alguns sejam mais polêmicos que outros.

Em tempo: no próximo artigo, também iremos tratar de um assunto mais que especial, para encerrarmos de vez a série: *a origem do homem*. Irei fazer este artigo “extra” da série *Sic Mundus Creatus Est* para que possamos meditar

sobre como cada uma das visões já abordadas trata da origem do homem: como e de que forma Deus o estabeleceu sobre as criaturas? Como o criou?

Todavia, para chegarmos a este ponto, precisamos tratar da última visão sobre a origem da vida.

Alguns entusiastas e acadêmicos cristãos podem julgar que “deixei o melhor para o final”. Não concordo totalmente com isso, mas esta é de fato uma teoria bem útil, e convincente. No Brasil, há uma grande sociedade universitária da qual a maioria dos membros é adepta dessa teoria. Dentre eles, encontramos o Dr. Marcos Eberlin, químico, membro da *Academia Brasileira de Ciências* e que recebeu, em

2015, a *Ordem Nacional de Mérito Científico*. A sociedade universitária à qual me refiro é a *Associação Brasileira de Cristãos na Ciência* (ABC²) - seu site, cursos, artigos e conteúdos são leitura mais do que recomendada.

Enfim, a teoria que irei introduzir a vocês hoje, é a famosa *Teoria do Design Inteligente*, que tem sido proeminente em nosso país apenas nos últimos anos, mas que existe há décadas, e tem passado por diversas atualizações (como deve acontecer com todo ramo científico).

Sem mais delongas, vamos para o assunto.

Para economizarmos as palavras, e facilitar a vida e trabalho de nosso redator Marcos Motta e da revisora

Lorena Garrucho, e do leitor, iremos usar as abreviações “DI” para nos referirmos ao *Desgin Inteligente* e “CE” para nos referirmos ao *Criacionismo Evolucionário*, que vimos anteriormente, em dois artigos.

A teoria em questão é, em muitos aspectos, não apenas semelhante, mas também compatível com o CE. Por isso, proponho, no artigo de hoje, uma espécie de comparativo, um paralelo entre as duas linhas, porque realmente as visões são semelhantes, funcionando quase como um espelho. Então, para não exaurir as energias do leitor com informações repetidas, faremos isso.

Em diversos pontos, visões e interpretações dessas duas

linhas, podemos encontrar argumentos semelhantes ou, mais do que isso, os mesmos argumentos, sem falar nas muitas conclusões semelhantes.

Primeiramente, é bom termos em mente que o DI não é contra a teoria evolucionária, nem contra a separação didática de *macro* e *micro*, que vimos no nosso artigo anterior. Stephen C. Meyer, trata brilhantemente do assunto no livro que temos usado como nossa principal orientação.

Via de regra, o DI considera a *Teoria da Evolução*, que é aquela que prega que os seres vivos têm o poder de se adaptar ao meio, como uma verdade. O DI, assim como o CE, utiliza dados científicos que são muito consistentes,

isto é, tanto no que se refere à bioquímica, à engenharia molecular e celular, quanto no que se refere à paleontologia. O DI também se utiliza dos mesmos personagens históricos que o CE utiliza para apoiar suas teorias, e acrescenta ainda muitos outros.

Agora, quando nos detemos a investigar as posições do DI quanto à idade da terra, isto é, há quanto tempo ela existe, ou assuntos relacionados, como a origem de espécies, notamos que esta pode ser uma teoria bastante divergente, de teólogo para teólogo, ou melhor, de cientista para cientista.

Porém, o que distingue principalmente o DI do CE são as diferentes e conflitantes abordagens e interpretações que o DI apresenta em relação ao CE acerca dos mesmos ângulos dos mesmos acontecimentos, além, claro, da atualização de alguns dados.

Ou seja, os pontos que diferem do CE são, praticamente, aqueles que se referem à interpretação. Enquanto o CE assume de maneira até mesmo “descarada” sua associação com o cristianismo, sendo uma proposta de colocar os processos científicos dentro da Bíblia, o DI não assume essa postura, mas sim, que o Universo possui uma mente pensante por trás de si, seja ela qual for, e esta mente *qualquer* pode ser, sim, o Deus das



Escrituras, como pode ser qualquer outra divindade, humanos do futuro (se você acrescentar teorias de viagens espaciais de filmes como *Interestelar*, de Christopher Nolan), ou até mesmo, *extraterrestres* [não necessariamente como os da entrevista realizada pelo Zágari, na primeira edição de Revista Fé Cristã].

O mais curioso, é que o DI assume que, por trás do Universo, existe uma mente inteligente, um *designer*, isto é, por trás da Criação, e repudia completamente qualquer *acaso*, ao mesmo tempo em que não se preocupa em explicar quem é este designer. Isso o torna uma teoria científica com grandes tendências deístas.

Há muitos cientistas proeminentes adeptos desta teoria, e muitos destes permanecem longe do cristianismo, os quais são agnósticos ou até mesmo ateus, o que acrescenta conteúdos e métodos para a teoria em si. Enquanto o DI ignora toda e qualquer chance de assumir que algo seja aleatório, enxergando toda uma lógica por trás de todo e qualquer evento, e que até mesmo as sequências de DNA, bem como a formação das moléculas são feitas como um programa de computador (direcionado), o CE considera que há aleatoriedades que não seguem padrões, mas alega que essa falta de padrões, é falta de

padrão meramente humano, e que esses padrões estão sob o controle e domínio da onisciência de Deus.

Outra informação importante a respeito do DI é esta acerca da influência e desgaste de pensamentos extremistas e quase religiosos dentro da teoria da evolução e no neodarwinismo, e isso é bem verdade: com o tempo, a teoria se tornou, até certo ponto, desgastada e lotada de extremistas e militantes, como Richard Dawkins, excelente pesquisador, mas militante ateu e inimigo da fé. Contudo, isso não descaracteriza os pontos corretos da teoria, o que o DI também considera.

Em resumo, tanto o CE quanto o DI são métodos de estudo que geram apologética diferente: enquanto o CE abraça completamente a ideia do cristianismo, e busca compreender os milagres e a ação divina na medida do possível, o DI apela para uma visão mais “nublada” das Escrituras, assumindo que o cristianismo pode estar certo, assim como diversos outros pensamentos podem estar. Podemos dizer que sua abordagem indireta busca refutar métodos antigos e se introduzir indiretamente, no lugar do cientificismo atual. Essa abordagem também se baseia na falta de explicação de pontos miraculosos. Mas, o que acontece, se em algum momento a ciência conseguir

explicar o que consideram milagre? Tomemos, por exemplo, a teoria *heliocêntrica* e, também, a viagem do tempo: sabemos hoje que a terra gira em torno do sol (para os *terraplanistas*, trataremos disso outra hora), mas não foi assim sempre. E, hoje, a ciência consegue provar, mas a igreja da época perdeu esse alicerce. Se os efeitos impossíveis de serem explicados hoje, como uma eventual viagem temporal, forem possíveis em um futuro, o DI perderia sua credibilidade. Como disse desde o princípio, qualquer teoria que se baseie em métodos e conceitos, não se trata de exposição bíblica. Mas isso não é problema para o DI, afinal, ele não é uma abordagem sobre as Escrituras, mas sim que é compatível com ela.

O DI, é uma nova abordagem científica, que busca renovar a cosmovisão científica, subtraindo o *cientificismo* e o *empirismo*, e adicionando o *gnosticismo*, ao dar o poder da criação a um *designer* desconhecido.

A minha sugestão para todos os leitores é a mesma das outras edições: leia. De todas as teorias e temas, nenhuma delas é completa em si, e todas precisam de mais dados e confirmações.

Você pode muito bem adotar um ponto de uma visão, como da idade da terra, e ter outro

sobre a origem do homem, que iremos estudar no próximo artigo. Não podemos limitar nossas mentes à dualidade católica e escolástica que aprendemos nas escolas e igrejas mal administradas teologicamente. Assim como não existe a separação secular e sagrado na arte, não podemos alimentar a mesma na ciência. A evolução não é uma teoria criada por meio de demônios para destruir a cristandade, e nem mesmo o terraplanismo é uma teoria cristã genuína. Gostamos do

título de *bereanos* quando se trata das Escrituras; que sejamos também *bereanos* na ciência, na arte, no nosso falar e andar, como está escrito em I Tessalonicenses 5:21: *“examinai tudo, retende o que é bom”*. E sobre os nossos estudos, que fique o conselho de Salomão, em Provérbios 6:6 *“Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos e sê sábio.”*

Que a Paz seja com todos, e até a próxima!



Sthaner Sousa é membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos-SP, licenciado em Ciências Biológicas, pelo IFSP – campus Barretos-SP.

Teologia da Prosperidade

Desconstruindo o triunfalismo das igrejas pós-modernas

ARTIGO ESPECIAL



“para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Efésios 4:14).

Estamos vendo, nos dias de hoje, o crescimento expressivo de um fenômeno no meio evangélico que, antes, pensávamos tratar-se apenas de um modismo e que logo passaria. Mas qual nada, cada dia vemos ganhar forças nas igrejas evangélicas brasileiras.

O fenômeno chamado *“triumfalismo”* criou suas raízes, no meio cristão, como o principal fruto da *Teologia da Prosperidade*, com suas doutrinas, sem nenhum princípio teológico e embasado em textos bíblicos completamente distorcidos. Tal fato tornou-se preocupante aos líderes autênticos de igrejas conservadoras que apregoam o verdadeiro Evangelho de Cristo.

A Teologia da Prosperidade ou “Confissão Positiva” vem se expandindo pelo Brasil desde meados do século XX. Mostra-se com aparência de uma igreja bíblica, séria em levar a Palavra de Deus aos seus seguidores, contudo, seus preconizadores usam dos textos das Escrituras para mudarem o sentido original, conferindo interpretação da maneira que lhes convém os

propósitos. E ainda afirmam que o desejo divino é que as pessoas sejam prósperas nesse mundo. Assim, ao tornarem-se crentes em Cristo, elas supostamente terão acesso a uma vida de bênçãos materiais, de conquistas, triunfando sobre todos os males que existem sobre elas, tanto na parte física como espiritual.

A vida cristã, conforme essa interpretação, corresponde a uma vida de vitórias em todas as áreas. O sofrimento, as doenças, o fracasso financeiro, as adversidades inerentes à vida, são entendidas como falta de “fé”, ou “pecado oculto”. Isso conduz os seguidores às “correntes de libertação” em suas igrejas, às “reuniões” e “campanhas de curas milagrosas e prosperidade financeira”, focadas nas necessidades humanas. O *slogan* apresentado para chamar a atenção do povo é: “você nasceu para vencer!”. Essa é uma expressão da “confissão positiva” que está firmada no princípio de que devemos “trazer à existência o que declaramos com a nossa boca”. Ao determinarmos com fé aquilo que desejamos, isto se tornará realidade.

Esse ensino triunfalista não apenas incentiva seus seguidores a não se entregarem ao desânimo ante as dificuldades enfrentadas por eles, mas também, faz com que eles se tornem pessoas

arrogantes, orgulhosas, soberbas, presunçosas, chegando a confrontar o próprio Deus. São ensinamentos totalmente equivocados, sem amparo algum nas Escrituras. No entanto, tem atraído muitos desejosos em terem seus problemas solucionados.

Para os seus adeptos, o que importa é usufruir de uma vida próspera no tempo presente, sendo assim bem-sucedidos profissionalmente, bem como desfrutar de uma vida prazerosa com a família, tendo uma boa qualidade de vida, sem se preocupar com o amanhã. O importante é a felicidade hoje. Não se preocupam com o alerta de Jesus, nas Escrituras, quando diz na parábola do homem que acumulou fortuna e acreditou que assim seria feliz: *“Louco! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?”* (Lucas 12:20).

Conhecendo a Bíblia, e o que Deus requer de Seus filhos, nos certificaremos que em nenhum momento se percebe algum discurso triunfalista da parte de Deus ou dos Seus servos. Antes, o que vemos é a mensagem de esperança. Cristo conhece muito bem o nosso sofrimento, uma vez que passou por momentos de severidade muito maiores do que os nossos. Ele mesmo disse: *“no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo porque eu venci o mundo”* (João 16:33). Ele jamais nos abandona.

Prometeu que estaria conosco todos os dias “*até a consumação dos séculos*” (Mateus 28:20).

A ORIGEM DO MOVIMENTO

Segundo o teólogo Romeiro (2007), a origem de tal doutrina encontra-se numa antiga heresia denominada *gnosticismo*, surgida por volta dos séculos I e II da era cristã. A sua crença focava em verdades especiais elevadas às quais somente os “iluminados” poderiam “ter acesso”. Os gnósticos criam no princípio do *dualismo*, ou seja, que havia duas entidades separadas: espírito e corpo. O espírito era bom, enquanto a matéria era má, porque nela habitava o pecado.

A salvação vinha através do conhecimento (*gnosis*), contudo, para alcançá-la, era necessário combater o corpo com práticas ascéticas e místicas de meditação. Dessa forma, o corpo podia viver na impureza mantendo o espírito puro.

A Teologia da Prosperidade foi proclamada pelo movimento *neopentecostal*, que teve seu início em meados do século XX, nos Estados Unidos, tendo como seu pioneiro Essek Willian Kenyon. Porém, o seu defensor mais notável é Kenneth Hagin. Os seus ensinamentos vieram para o

Brasil através de diversos líderes de igrejas grandes, entre os principais: o missionário R. R. Soares, líder da *Igreja Internacional da Graça*, Edir Macedo, líder da *Igreja Universal do Reino de Deus*, (dissidentes da *Igreja de Nova Vida*), engenheiro Jorge Tadeu, atualmente pastor e líder das *Igrejas Maná*, em Portugal; Valnice Milhomens, *Mistério Palavra da Fé*; Miguel Ângelo da Silva Ferreira, pastor da *Igreja Evangélica Cristo Vive*, no Rio de Janeiro; e Estevam e Sônia Hernandes, da *Igreja Apostólica Renascer em Cristo*.

A DOCTRINA FRAGMENTADA DO NEOPENTECOSTALISMO

O *neopentecostalismo* não segue uma linha teológica fixa. É um movimento dividido em que cada grupo define a sua própria linha de atuação. Não tem nenhum compromisso com as principais doutrinas da Graça. Não há exposição da Palavra de Deus. Os seus preletores usam versículos isolados e fora do contexto, focalizando sempre o homem com suas mensagens antropocêntricas. A palavra do líder é comparada à Palavra de Deus e o que ele determina é seguido pelos fiéis como regra e prática. Há inversão de

valores. Deus passa a ser servo do homem.

Em tal segmento, estas pessoas exigem de Deus a satisfação de seus desejos (delas). Dessa forma, Deus fica obrigado a realizar o que lhe é exigido. Praticamente, não há pregação sobre arrependimento, confissão dos pecados e nem sobre salvação. A fé apenas é ensinada como o meio eficaz de obtenção de bênçãos e vitórias advindas de Deus. O foco não parece estar na conversão das pessoas, segundo o padrão bíblico, mas na simples adesão de membros em massa.

O triunfalismo ensinado é uma falsa doutrina que parte do entendimento de que, quando Deus criou o homem, entregou a ele o domínio sobre a criação terrena, concedendo-lhe “direitos” que poderiam ser reivindicados ante a divindade. Por ocasião da Queda, tais regalias, concedidas por Deus na criação do homem, foram transferidas a Satanás. Porém, Deus providencia o seu plano de Salvação, enviando Jesus ao mundo, e cumprindo a justiça dele. Com tal recurso, resgatou tais privilégios para o homem, que aceita a salvação vicária, voltando a ser o legítimo “detentor deles” diante de Deus. Dessa forma, todo salvo em Cristo passa a se sentir superior, dizendo-se ser “mais que vencedor”, porque triunfou sobre o diabo. Não

aceita mais na vida dele, derrota, fracasso, doenças, miséria etc., pois todas essas adversidades são colocadas em sua vida pelo diabo e “fato é” que, hoje, este já não tem mais poder sobre a vida do cristão.

No entanto, é o contrário do que consta nas Escrituras, Deus não concedeu nenhum “direito” ao homem. O homem, ao ser feito à imagem e conforme a semelhança dEle, recebeu o domínio sobre a criação terrena, ou seja, o poder de administrar (Gênesis 1:26). Entretanto, o poder absoluto, o governo, a soberania sobre todas as coisas, continuam sendo dAquele que criou os céus e a terra, que mantém o controle de tudo. O triunfalismo não condiz com o cristianismo. Em nada se relaciona com a hermenêutica bíblica. São ensinamentos totalmente distorcidos da Palavra de Deus, que manipulam as pessoas a se relacionarem com Deus como se estivessem tratando de um negócio lucrativo. Comercializam Deus como um bem material.

ENSINAMENTOS EQUIVOCADOS

Para os pregadores da Prosperidade, ser feliz é ter riqueza, saúde física e alcançar tudo o que se deseja. Eles gostam muito de usar o texto de Paulo aos Filipenses (4:13):

“tudo posso naquele que me fortalece”. O objetivo é ensinar que o crente pode ter o domínio de todas as coisas, bastando que ele determine o que deseja para si, “pensando positivo”, sem duvidar em seu coração.

Não há limite para se tomar posse das bênçãos requeridas. A fé propagada se restringe em alcançar o sucesso no campo material. A pobreza, a doença, a adversidade, não fazem parte

alto valor para Deus, pois não se paga tanto por aquilo que tem pouco valor”. Segundo esse líder, a fé é necessária. É o primeiro passo para a vitória. Porém, se não der o segundo passo, que é falar para o problema sair, nada acontecerá. A fé é o combustível, a palavra é o veículo.

Ao instruir os fiéis sobre determinação, R. R. Soares



da vida cristã. São caracterizadas como falta de fé, ou estar vivendo no pecado e, consequentemente, estar sem salvação. Por isso, o primeiro passo ensinado para tomar posse da bênção é a “determinação” - é saber se autovalorizar. R. R. Soares (1997) afirma, que Jesus pagou um alto preço para nos resgatar. “Mas, se o preço alto foi pago, é porque temos um

(1997) usa o texto bíblico de João (14:13): “*E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho*”. Explica o missionário que, a partir da língua grega, a palavra “pedirdes” está mal traduzida. Não precisamos pedir bênçãos e, sim, determinar, exigir e mandar. Devemos tomar posse do que se aprendeu pela Palavra sobre o que nos

pertence. Ou seja, precisamos determinar [ou exigir] que o mal saia da nossa vida, pois o próprio Jesus nos garante a vitória. Muitas pessoas sofrem, porque não determinam, e nem decretam a sua vitória. É necessário ordenar e exigir que o diabo tire as suas garras e desapareça de uma vez por todas da vida de seus seguidores e de suas famílias. O diabo é obrigado a obedecer, uma vez que o poder de Deus só pode entrar em ação, quando o cristão determina a sua bênção. Essa determinação é feita em o Nome de Jesus.

O diabo, para esses líderes, é o causador de todos os males. Em suas igrejas, o ensino da batalha espiritual contra os demônios é aplicado aos fiéis, que se dizem vítimas de maldição hereditária, sendo orientados a fazer a “corrente de libertação”, chamada também, de “sessão de descarrego”, a fim de serem libertos das possessões demoníacas. Essas práticas são fruto do *sincretismo* e do *misticismo* resultantes da tentativa de conciliação entre a religião cristã e as religiões de matriz africana, como *candomblé* e a *umbanda*. Não à toa, essas igrejas incentivam o uso de objetos ungidos como forma de proteção, ou como forma de contato entre Deus e o homem – práticas comuns em religiões afro.

Nessa mesma linha de pensamento, segue Edir Macedo (2003), que usa o texto

bíblico da carta de Paulo aos Efésios (6:11-13) que trata sobre a armadura de Deus. Para Macedo, a “palavra” tem uma força ilimitada. Quando plantada no coração essa semente, ela cresce e frutifica com a natureza. Ele menciona o texto do Evangelho de Marcos (9:23): “*Tudo é possível ao que crê*”. Ao serem proferidas por Jesus, essas palavras, diz Macedo, significam que não há limites para a fé. Aquilo que acreditamos nos sobrevirá. É onde reside o poder sobrenatural da fé, afirma ele. O cristão somente terá vida abundante se tiver coragem de assumir a fé sobrenatural e colocá-la em prática na sua própria vida.

Para Macedo (2004), o dízimo e as ofertas representam o próprio Jesus Cristo. Toda a oferta que é oferecida a Deus revela o que está no coração do ofertante e mostra o seu relacionamento com o seu Senhor. É através da oferta que a pessoa demonstra o seu amor, carinho e consideração a Deus. A espiritualidade da pessoa está na oferta que ela oferece a Deus. A oferta, segundo Macedo, é o instrumento pelo qual o ser humano se aproxima de Deus. Essa aproximação é desejada pelo Pai, que instituiu a oferta de sacrifício, a qual continua o processo da redenção da humanidade. O Senhor Jesus é a oferta de Deus-Pai para a salvação da humanidade, portanto, é a oferta perfeita. Se

Jesus é a oferta perfeita, todas as ofertas são representações dele. Por isso, a oferta que oferecemos não pode ser imperfeita para representar o Filho de Deus. Caso contrário, ela não será aceita, e não poderá produzir resultados, conforme consta em Hebreus (10:19-22).

Os dízimos e as ofertas são fundamentais para que os fiéis recebam suas bênçãos. Os milagres operados nas igrejas que professam a Teologia da Prosperidade, segundo Mariano (2005), um dos sociólogos da religião no Brasil, são propostos como uma barganha do membro fiel para com Deus, à medida em que se paga os dízimos e ofertas em troca de bênçãos. O texto de Malaquias (3) é usado continuamente como base dessa alegação.

Um outro texto bastante usado por esses líderes está no Evangelho de João 14:12: “*Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai*”. Com esse texto, eles anunciam uma grande quantidade de milagres que supostamente realizam em suas igrejas.

Macedo (2004) enfatiza a questão do sacrifício, que é diferente da oferta. Segundo esse líder, o sacrifício é um ato de renúncia a algo em troca de outro muito mais valioso. Deus está sempre presente no

ato de dar e receber. Toda e qualquer conquista da vida tem o preço de sacrifício. Quanto maior o que se quer conquistar, maior será o sacrifício que terá que se oferecer para conseguir. Ele menciona o texto de Gênesis 3:19: “*No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra*”.

Para Macedo (2004), Deus criou a vida com três grandes propósitos: o **primeiro**, que ela fosse vivida em abundância com todos os seus direitos e privilégios, sem nenhuma forma de aflição, angústia ou preocupação: “*eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*” (João 10:10); o **segundo** é que ela não tivesse nenhum tipo de interrupção provocada por doenças, enfermidades, por dores, sofrimento ou morte (Isaías 53:4-5; (Romanos 6:23); o **terceiro** é o que ele considera mais importante: a

manifestação da glória de Deus por toda a eternidade – a começar aqui pela Terra, conforme o Salmo de Davi (96:1-4).

CONTRAPONTO BÍBLICOS

Desde o início da Igreja, o Apóstolo Paulo já enfrentava problemas com *os falsos mestres que usavam a piedade como fonte de lucro*. Eles diziam que, quanto mais piedosa a pessoa fosse, mais lucro alcançaria. Para que as pessoas fossem ricas, teriam que ter uma atitude piedosa. Caso estivessem passando por alguma dificuldade, era porque não estavam bem espiritualmente. Esses falsos mestres relacionavam o lucro financeiro com a piedade e com a vida espiritual. Assim, dessa

mesma forma, as igrejas que pregam a Teologia da Prosperidade estão fazendo.

Paulo refutou com dureza tal ensinamento daqueles falsos mestres. Segundo o apóstolo, tais ensinamentos advinham de mentes pervertidas e privadas da verdade (1 Timóteo 6:3-5). Segundo Paulo, a ideia sobre a prosperidade é totalmente oposta. Seria suportar as privações e se contentar com o que Deus nos tem dado. A *teologia do contentamento* defendida por Paulo não significa que temos que nos acomodar e não buscar um resultado melhor para a nossa vida. Mas, significa que nós, mesmo fazendo o melhor em nosso trabalho, devemos ser gratos a Deus pelo que ele nos oferece. Pois tudo que temos é graça do Senhor - nós não merecemos nada. Deus nos dá, porque Ele é bom e



misericordioso. Devemos estar satisfeitos com tudo que recebemos dele, pois já temos, de antemão, um tesouro garantido nos céus - a nossa salvação.

Paulo exorta, também, que aqueles que querem ficar ricos, sempre caem em tentações e ciladas: *“Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos, se atormentaram com muitas dores”* (1 Timóteo 6:9-10).

Os apregoadores da Teologia da Prosperidade, ao usarem o texto de Paulo aos Filipenses (4:13) que diz *“tudo posso naquele que me fortalece”*, esquecem-se de analisar o contexto em que o apóstolo se encontrava. Ao contrário da ideia de “poder” de “autovalorização”, como se fosse palavras mágicas para se conseguir tudo o que se deseja nessa vida, essa carta foi escrita quando o apóstolo estava na prisão, talvez em Roma ou Éfeso, como entendem a maioria dos teólogos. São palavras de encorajamento aos cristãos que estavam passando por grande tribulação.

O objetivo dessa missiva é incentivar os cristãos filipenses a suportarem as provações, em

Cristo. Esse texto não se refere em nada à teologia triunfalista do evangelho pragmático pregado nas igrejas pós-modernas. Paulo, aí, afirma que os cristãos poderiam passar por essas provações sem deixar de proclamar a glória de Cristo. Para tanto, ele argumenta que já havia aprendido a se contentar em todas as circunstâncias já vividas: tanto na abundância, como na escassez. Já havia passado necessidade e fome, porém, o que importava para ele era Deus ser honrado e realizar os propósitos dEle (Filipenses 4:12-13).

A nossa fé precisa estar centrada em Deus somente, e não em nossas palavras. A definição de fé encontrada em Hebreus (11:1) diz: *“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem”*. É uma fé genuína, e não algo místico. Devemos ter o conhecimento de Deus e de sua Palavra para podermos aplicar essa fé em nossa vida. É essa fé que tem poder. Quando Jesus disse *“...se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele”*, entendo ser sobre essa fé que Cristo está falando. Uma fé não para determinar que aconteçam curas, milagres, ou coisas impossíveis que queremos obter nessa vida, mas para ser usada no avanço do Reino inaugurado por Ele aqui na Terra.

Os milagres realizados, descritos nas Escrituras, sempre tiveram um propósito específico: mostrar a autoridade, o controle e a presença de Deus, em Sua soberania. Eles jamais ocorreram como eventos casuais. Deus não faz nada sem propósito. Os milagres sempre estão relacionados a uma determinação de Deus, no que diz respeito ao cumprimento de seus decretos de maneira visível e racional. Todos os milagres registrados na Bíblia ocorreram em sentido literal.

No Antigo Testamento, eles tinham o propósito de transmitir sinais da existência de Deus, do Seu poder e de mostrar a vontade dEle ao Seu povo. Os milagres autenticavam a Lei de Deus apresentada por seu mensageiro e chamava atenção para novas revelações. No Novo Testamento, no ministério público de Cristo, os milagres realizados revelavam a Sua glória. Não só atestavam a Sua divindade, mas, sobretudo, que viéssemos a crer que Ele é o Filho de Deus, e assim, pudéssemos ter vida em nome dEle.

Quanto aos milagres operados pelos apóstolos, por um tempo relativamente curto, estes ocorreram também com um propósito específico: o de autenticar e estabelecer a igreja na Terra. Passado esse período, a Bíblia não relata mais nenhum milagre operado por esses homens de Deus,

como sinal de continuidade. Caso permanecesse esse propósito de Deus, Paulo teria curado Timóteo que se encontrava com uma enfermidade no estômago. Ele se limitou em sugerir a tomar um pouco de vinho (1 Timóteo 5:23), bem como partiu triste deixando o seu companheiro Epafrodito doente (Filipenses 2:26-27).²

O texto do Evangelho de João (10:10) que os proponentes da Teologia da Prosperidade usam para motivar os seus seguidores a buscarem uma vida de riqueza e bens materiais, alegando que Jesus veio para que tivéssemos vida, e uma vida em abundância, acaba por sofrer, por parte deles, uma interpretação totalmente equivocada. A Palavra “abundante” no texto, foi traduzida do grego *perisson*, que significa “muito, muito bem, além da medida, mais, supérfluo, uma quantidade tão abundante que chega a ser mais do que era de se esperar ou antecipar”. Considerando o significado, Jesus nos promete uma vida muito além daquilo que poderíamos idealizar. Jesus promete uma vida abundante para aqueles que nEle creem. Essa vida não consiste em algo físico, material, riqueza de bens, *status* econômico e prosperidade financeira. Ela consiste em um bem muito maior. É algo sublime e

glorioso: a *Vida Eterna* – uma vida de conhecimento e comunhão sem fim com Deus.

Tomamos posse dessa vida no momento em que é implantada uma nova vida em nós - quando recebemos o Senhor Jesus como nosso Salvador. A partir desse momento, já podemos desfrutar da Vida Eterna. Não em sua plenitude, pois a vida plena somente será possível quando estivermos na glória com Deus, com nossos corpos transformados, no estado eterno. Entretanto, já podemos usufruir da alegria da salvação através do conhecimento do nosso Deus, que se revela a nós através de seu Filho Jesus Cristo: “*E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro; e a Jesus Cristo, a quem enviaste*” (João 17:3).

Concluindo, o que temos visto infelizmente, é uma preocupação exagerada com as coisas dessa vida e com as condições daquilo que o mundo apresenta como sendo o melhor. Tais ilusões levam muitos a não se preocuparem com o que realmente tem valor. As pessoas não têm se preocupado com a segunda vinda de Jesus e com a vida no porvir. Preferem desfrutar dos bens materiais de uma vida financeira próspera, de riquezas e bem-estar, e buscam, continuamente, para suas vidas, mais bênçãos e

vitórias. São esses os alvos pretendidos por aqueles que são doutrinados pelas promessas que os líderes das igrejas pós-modernas oferecem, ao usarem um evangelho totalmente distorcido.

São muitos que usam o nome de Deus, mas sem jamais andar com Ele. Não podemos viver nesse mundo como se a nossa esperança se resumisse apenas a essa vida. Nessa condição, seremos os mais miseráveis, como declara Paulo: “*Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens*” (1 Coríntios 15:19).

O distanciamento de Deus, hoje, tem sido grande. Constatamos isso entre os crentes, porque não existe prática na profissão de fé deles. Não há comunhão com Deus. Não há amor entre os irmãos. Há, no entanto, uma imensa individualidade. Cada dia, os autodenominados cristãos ficam mais insensíveis à voz do Evangelho. Quando vão ao culto se congregam, o fazem tão somente para cumprir uma tradição de estar em um templo cumprindo um ritual. Estão de corpo presente, mas o pensamento está muito longe de Deus. Participam, porém, sem nenhuma reverência e lhes falta espiritualidade. Jesus falou no Evangelho de Mateus a esse respeito: “*Hipócritas!*”

² A autora defende uma posição **cessacionista** em relação aos milagres.

Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo, honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mateus 15:7-8).

As riquezas de Cristo nenhuma mente é capaz de conceber e ninguém é capaz de expressar com palavras. São riquezas que nos completam em todos os sentidos da vida - suprem todas as nossas necessidades, uma vez que Cristo é suficientemente capaz em tudo. É a essa riqueza que Paulo se referiu, quando disse: “*A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo*” (Efésios 3:8).

A Teologia da Prosperidade é totalmente nociva à vida cristã. Com sua interpretação triunfalista dos textos bíblicos [isolados e fora do contexto], não se preocupa com a glória de Deus. Chega até a blasfemar contra Deus no intuito, apenas, de que seus adeptos vivam uma vida para esse mundo somente, exaltando o ego e satisfazendo suas próprias necessidades. Infelizmente, no entanto, tem se alastrado em nosso país, prestando um grande desserviço ao Evangelho de Cristo.

Fomos Criados para Deus e para servi-lo de todo o nosso ser. Ele é o alvo de nossa vida. Nascemos para a Sua glória. Em quaisquer circunstâncias que estivermos, temos que dar

bo bom testemunho. Deus sempre deve ser a prioridade em nossa vida.

Bibliografia

TAVARES, Mariza. *Teologia da Prosperidade à Luz das Escrituras* (São Paulo. Agathos Editora. 2019).

ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes* (São Paulo Mundo Cristão. 2007).

ROMEIRO, PAULO *Decepcionados com a Graça* (São Paulo. Mundo Cristão. 2005).

MATOS, Alderi Souza de. *Raízes históricas da teologia da prosperidade*. Disponível em <https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/313/raizes-historicas-da-teologia-da-prosperidade>. Acesso em 05 de dezembro de 2018.

SOARES, R. R. *Curso Fé* (Rio de Janeiro. Graça Editorial 1997).

SOARES, R. R. *Como tomar posse da bênção* (Rio de Janeiro. Graça Editorial. 1997).

MACEDO, Edir. *O poder sobrenatural da fé* (Rio de Janeiro. Universal. 2003).

MACEDO, Edir. *O Perfeito Sacrifício* (Rio de Janeiro. Universal. 2004).

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil* (São Paulo. Loyola. 2005).

LIMA, Leandro. *Brilhe a sua luz* (São Paulo. Cultura Cristã. 2009).

KISTEMAKER, Simon J. *Os milagres de Jesus* (São Paulo. Cultura Cristã. 2008).

Comentário do Novo Testamento. Apocalipse (São Paulo. Cultura Cristã. 2008).

RYLE, J.C. *Santidade* (São José dos Campos. Fiel. 2016).



Mariza Tavares de Souza é Advogada e Mestre em Divindade (M.Div), com concentração em estudos Históricos-Teológicos pelo Centro Presbiteriano Pós-Graduação Andrew Jumper. Bacharel em Direito, Pela Universidade Federal do Pará (1984). Pós-Graduada em Direito Empresarial pela Universidade São Judas (2001). Professora da Escola Bíblica Dominical (classe Adultos) da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro - SP. Autora do Livro *Teologia da Prosperidade à Luz das Escrituras*. Natural de Belém-PA, em 14/10/1956. Casada há 41 anos com o Professor Universitário Eloi Tavares de Souza, mãe e avó.

CONVERSANDO COM O...



Rev.

**Ludgero
Bonilha**

Para este tema tão polêmico, da *Teologia da Prosperidade*, aprouve a Deus que entrevistássemos o amado Rev. Ludgero Bonilha, que tem atuado como um verdadeiro gladiador, nas últimas décadas, em favor da fé cristã em solo tupiniquim. O contato com o reverendo e as perguntas são inteiramente trabalho do nosso editor-adjunto, Jhean Almeida. Ele enviou as perguntas por escrito ao reverendo, que as respondeu também por escrito. Empolgados que estamos por trazermos ao leitor este conteúdo de peso, queremos que você vá conosco imediatamente para a entrevista propriamente dita... Não percamos tempo!

JHEAN - Quais são as principais características que nos ajudam a identificar uma mensagem ou ensino que esteja voltado para a Teologia da Prosperidade?

REV. LUDGERO - Deixe-me começar por aquilo que entendo ser o começo. Há no coração humano, sempre a tendência de distorcer o propósito de Deus, uma busca de tirar Deus do centro e colocar o homem no centro. A “simonia” sempre esteve presente na experiência de uma raça caída em pecado, ou melhor, a tentativa de comprar ou vender ilicitamente as coisas espirituais como as indulgências, os sacramentos, ou as bênçãos temporais que

estivessem ligadas a algum tipo de espiritualidade, como era bastante comum na Idade Média onde se comprava posições eclesiásticas e, com elas, o direito de ter parte do que se arrecadava em algum nicho de poder cardinalício da igreja.

Esta distorção foi adquirindo novas dimensões de expressar o que era velho. Primeiro, a grosseria de imaginar comprar a Deus e os seus favores. “Faço isto” ou “aquilo” para agradar a Deus, barganhar, suplantar ou subornar a justiça de Deus, como os povos pagãos que entregavam seus próprios filhos para serem sacrificados nos braços incandescentes do deus Moloque (Levíticos 20:2-5), com o fito de receber algum favor, fosse a fartura dos frutos da terra, ou a proteção contra os inimigos, ou mesmo contra maus espíritos, e o aplacar da consciência pelos seus pecados que lhes causavam pavor noturnos, como nos pesadelos tenebrosos de Nabucodonosor.

Esta teologia desvirtuada é muito bem representada pela miopia dos amigos de Jó, que imaginavam que algum pecado grave fora cometido por aquele homem de Deus, daí as consequências - grandes aflições em retribuição a grandes pecados. Portanto, o contrário seria o “seja bom e com a sua bondade relativa suborne a justiça absoluta de Deus”. Os farrapos dos méritos humanos em troca da gloriosa justiça de Deus. Mas, Deus

mesmo atesta a integridade relativa de Jó (2:3). Portanto, nada ali trata de retribuição, que é um dos princípios da Teologia da Prosperidade.

Por sua vez, da prosperidade espiritual, uma nova onda surge. É a da prosperidade material. Enquanto a primeira tinha como ponto focal as bênçãos que revelam aspectos espiritualizados, procurando e imaginando ser mais *teocêntrica*, de favores eternos; agora, esta é *antropocêntrica*, de favores temporais. Bens materiais para serem gozados aqui e agora, tais como saúde, conforto, benesses, riquezas que podem ser medidas pelos cifrões, pura e simplesmente compradas pelo vil metal.

Via de regra, a mensagem desta distorcida pseudo “Teologia”, a da Prosperidade, se foca no dar para receber. Dê o seu dízimo, dê sua oferta (que costumeiramente é chamada de “sacrifício”), faça o seu sacrifício de tanto, que Deus se obriga a lhe retribuir. Quanto maior a oferta, maior a bênção material.

JHEAN - Reverendo, na sua visão e experiência, quais são os principais impactos que a Teologia da Prosperidade vem causando à igreja brasileira?

REV. LUDGERO - Observo vários e desastrosos impactos na igreja brasileira, e pelo mundo afora onde tenho andado. Esta distorção teológica é multi-eclesiástica,

de âmbito mundial, descrevendo o caráter da raça humana caída em toda a parte. Os pregadores americanos mais extravagantes foram os que propagaram tais sandices e os mercenários brasileiros aprimoraram esta perversão.

O primeiro e mais funesto impacto é que a mensagem destes pregadores, por óbvio que seja, deixou de ser bíblica. O ensino claro das Escrituras foi abandonado, tanto quanto o modo de se pregar e seu estilo. Para se enganar os incautos, os pregadores desta TP,³ apelam para o emocional, para o teatral, para “testemunhos” fantasiosos, para o tal do “Deus me falou”, “recebi uma profecia”, com adivinhações marotas e grosseiras. É um verdadeiro espetáculo. Este desvio é devastador, prometendo o que Deus jamais disse, como se compromettesse o caráter impoluto de Deus. É para enganar mesmo, tal como a serpente fez com Eva mostrando as vantagens do fruto e o quão suculento se mostrava. Coloca em dúvida a consistência do caráter de

Deus com o “*é assim mesmo que Deus disse?*” (Gênesis 3:1).

Esta falsa teologia está na esteira daqueles que mantêm a posição “Continuista”,⁴ isto é, creem que a Palavra de Deus está aberta para novas e espertas revelações. O fato é que se você crê que “*a Bíblia é a sua única e suficiente regra de fé e de prática*”, então você está afirmando que “*aqueles antigos modos de Deus revelar a sua vontade ao seu povo cessaram*”⁵ dando-nos imensa e profunda segurança, prevenindo-nos destes enganos, assegurando-nos a integridade da Verdade.

Os pregadores da TP, usando da artimanha de que Deus continua revelando através de profecias atuais, sonhos, visões, usam deste artifício para ludibriar o povo, que imaginando que estão diante de um “vidente poderoso”, entregam os seus bens de mãos beijadas a estes charlatões.

A Teologia da Prosperidade promove sim a prosperidade material, mas é destes mercenários da fé. Vários destes “pastores” poderiam ser citados pois suas fortunas são

³ O reverendo utiliza a abreviação “TP” para se referir à **Teologia da Prosperidade**.

⁴ O reverendo é adepto de uma posição **cessacionista** em relação aos dons.

⁵ **Confissão de Fé de Westminster**, Cap. 1, Art. inicial, *in fine*: “Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência manifestam de tal modo a bondade, a sabedoria e o

poder de Deus, que os homens sejam inescusáveis, todavia não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e de sua vontade, necessário à salvação; por isso agradou ao Senhor, em diversos tempos e diferentes modos, revelar-se e declarar à sua Igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para o mais seguro



de conhecimento público e notório, provando o embuste.

JHEAN - Como lidar com os supostos “sinais e milagres” que são testemunhados neste meio e que acabam sendo argumentos utilizados para tentar legitimar essa teologia?

REV. LUDGERO - Devemos deixar claro que cremos em milagres. Deus ainda continua curando enfermos quando e a quem Ele quiser, realizando a Sua obra na vida de muitas pessoas como resposta ao seu povo que ora. No entanto, o

estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e contra a maldade de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda. Isto torna as Escrituras Sagradas indispensável, tendo cessado aqueles antigos modos de Deus revelar a sua vontade ao seu povo.

dom de cura e de sinais e prodígios dados a determinadas pessoas, como fora dado aos apóstolos, estes dons pessoais e extraordinários cessaram, bem como o dom de línguas estrangeiras, que sempre tiveram um caráter revelatório, sendo utilizado enquanto o Cânon das Escrituras não havia sido fechado, este também cessou. Estes dons extraordinários caracterizaram o período apostólico como marcas autenticadoras do ministério dos apóstolos (Atos 1:21-22; 1 Coríntios 9:1; 15:7-8). Os apóstolos foram inspirados para escreverem as Escrituras (João 14:26; 16:13; 2 Pedro 3:16; 1 Tessalonicenses 2:13). Terminado este mister, cessou a era apostólica com a morte do último dos apóstolos, João. Não existem mais apóstolos em nossos dias (somente os falsos). Não existem nem sequer profetas no verdadeiro e original sentido da palavra e do ofício. O período apostólico e profético cessou.

Devemos deixar claro, no entanto, que o resultado da obra dos apóstolos, obra por excelência, dos verdadeiros apóstolos e profetas bíblicos, que foi legado à Igreja de todos os séculos desde então, que é o Senhor Jesus Cristo falando pelo Seu Espírito através e nas Escrituras Sagradas - a Bíblia

Sagrada do Antigo e Novo Testamentos!

Devemos, portanto, nos lembrar da preciosa *doutrina da inspiração das Escrituras*. As Escrituras Sagradas, sem a iluminação do Espírito Santo de Deus, é letra morta (2 Coríntios 3:6), contudo, o “espírito”, que estes hereges alegam ser o “santo”, sem a Palavra de Deus, é alienígena. A Bíblia e o Espírito Santo operam conjuntamente, uma dependendo do outro e vice-versa - através dela, Deus fala com Seu povo e deixa em nossas mãos a sua máxima e única Constituição. Argumentos nela são apresentados “*pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a Palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo que, pela Palavra e com a Palavra, testifica em nossos corações*”⁶ (grifo meu).

Tudo o que Deus falou está em sua Palavra e, à esta Palavra, nada se acrescentará em momento algum, seja por novas revelações espertas, por profecias, por prodígios, mesmo que sejam acompanhados por sinais e milagres. Eis aqui a pedra de toque para fazer testar esta Teologia da Prosperidade.

JHEAN - Existe quem afirme que a Teologia da Prosperidade está caindo em completo descrédito no Brasil e caminha para sua ruína. Outros acreditam que ela nunca esteve tão viva, mas apenas está se apresentando de maneiras distintas, como, por exemplo, exemplo, através do que chamamos hoje de “Teologia Coaching”. Como o senhor vê o momento da Teologia da Prosperidade no Brasil?

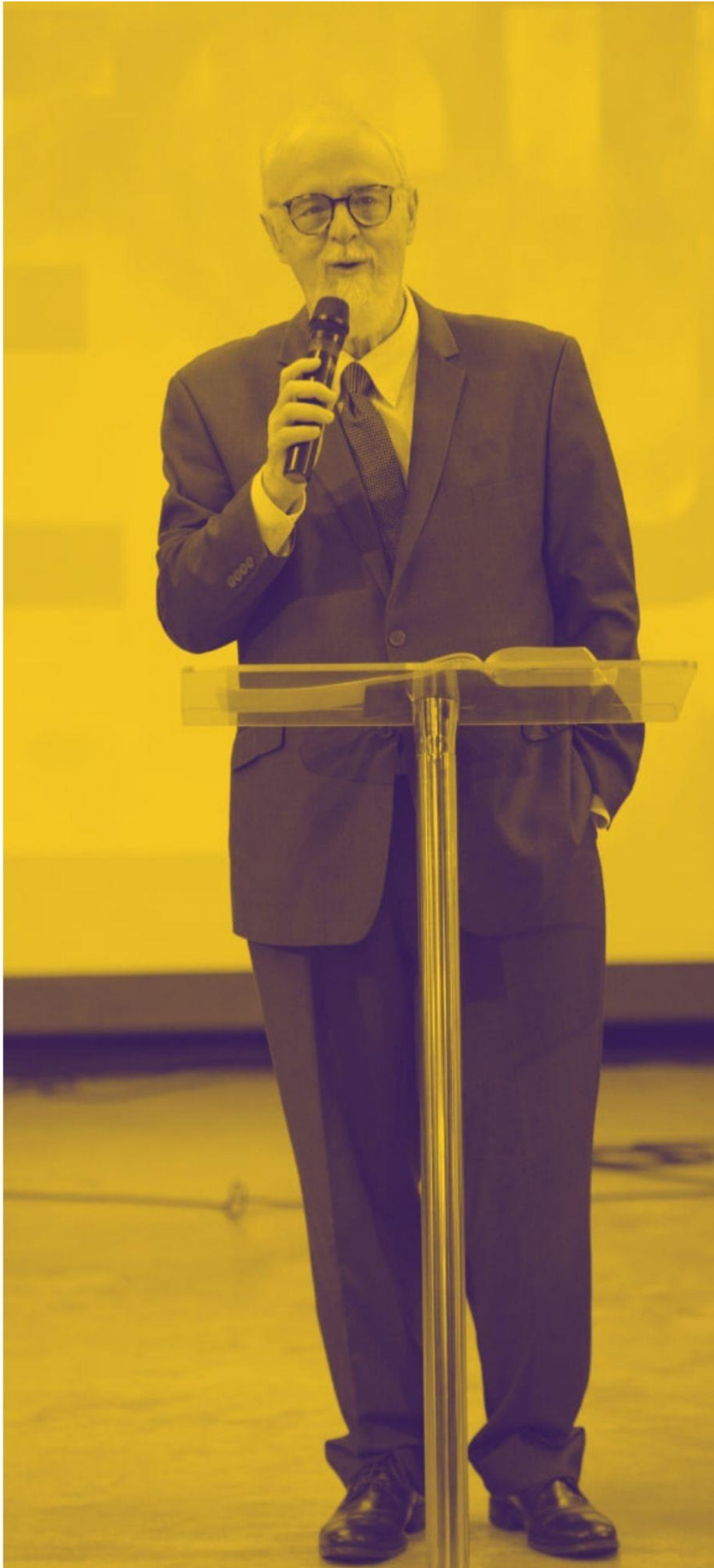
REV. LUDGERO - O erro sempre se apresenta travestido e com roupagens diferentes em momentos diferentes. Heresias tais vem de longe. Mesmo no Antigo Testamento, onde se nos são apresentados “símbolos e sinais” que apontavam para Cristo, muitos se prenderam àqueles símbolos como se fossem um fim em si mesmos, como se a realidade se cristalizasse neles. Não foram poucos que imaginavam que o sangue derramado dos cordeiros pudesse, efetivamente, perdoar pecados, e confiavam naquilo. Mas, mesmo os milhares de cordeiros que foram imolados na consagração do templo de Salomão, nenhuma gota daquele sangue tivera o condão de perdoar pecador. Aqueles sacrifícios suspenderam a punição (Hebreus 10:4,11). Até que João Batista, vendo o Senhor Jesus vindo em direção às

⁶ *Confissão de Fé de Westminster*, Cap. 1.5.

barrancas do Rio Jordão, quando elucida o símbolo apresentando a Realidade – *“Eis aí o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”* (João 1:29). Nele o pecado de todos os eleitos, eleitos de todas as eras, foram punidos.

O mesmo se pode dizer sobre a falsa impressão que muitos tiveram no Antigo Testamento, quando imaginaram que Deus morava em templos construídos por mãos humanas e fizeram do templo o seu amuleto. Alertado pela oração de Salomão quando da consagração do templo (2 Crônicas 6:18), Jeremias afirmou: *“Palavras mentirosas são estas, palavras mentirosas são estas – o templo de Deus aí está.”* (Jeremias 7). A tal Teologia da Prosperidade confunde o símbolo como se fosse a realidade. Bênçãos materiais com as perenes. Nosso jornada sobre a terra repleto de sofrimentos, que jamais podem ser comparadas com os favores eternos que nos aguardam (Romanos 8:18). As coisas daqui não podem nos separar das coisas dali. Enquanto aqui, gememos com o universo, que aguarda a redenção (Romanos 8).

Aos da TP, Deus admoesta que se nossa esperança se foca meramente nas coisas do presente, somos as mais infelizes das criaturas (1 Coríntios 15:9). Vamos nos dedicar ao templo de



Jerusalém e nos esquecemos que o templo é Cristo que, com a sua ressurreição, O reedifica, e templo nenhum outro esperamos. Nos apegaremos à bênção e nos olvidaremos do Abençoador. Nos agarraremos às riquezas terrenas falsamente prometidas por estas igrejas e nos esqueceremos das riquezas espirituais em Cristo que nos esperam, as benesses materiais que vemos trocadas por aquelas que jamais passaram pelo pensamento humano, que nenhum olho humano jamais viu, e jamais foi idealizado pelo coração do crente. Maior, muito maior!

Portanto, toda e qualquer teologia que venha misturada com qualquer outra coisa senão a que provém da Palavra de Deus, é falsa, perniciosa e entorpece. Enganará a muitos. A *Teologia da Auto-Ajuda*, que vem misturada com Psicologia humana, a *Teologia da Libertação*, que vem misturada com o *Marxismo*, a *Teologia do Coaching*, que vem misturada com “você é vencedor”, “você pode”, “você é especial”, “confie em você mesmo” - todas elas são parte da mesma e antiga artimanha do Diabo, que vem para enganar e desvirtuar a todos os que ele puder da singularidade e suficiência do Santo Evangelho, revelado nas Sagradas Escrituras.

Heresia nem sempre é uma mentira crassa, mas o exagero,

a distorção e a descontextualização de um preceito bíblico. Afirmamos o “*Sola Scriptura*”, como também o “*Tota Scriptura*”.

JHEAN - Infelizmente, pelos vários escândalos originados da teologia da prosperidade, acabou se criando no Brasil um estereótipo de que todo pastor é um aproveitador da fé alheia. O senhor percebeu essa realidade? Como lidar com isso?

REV. LUDGERO - Infelizmente, esta é uma das consequências desta heresia perversa. Agora, todos os pastores passaram a ser vistos como parte do mesmo esquema. O Diabo é, portanto, sagaz. Não somente lançou esta semente daninha no coração de muitos incautos, crédulos, como também a semente do sarcasmo e do escárnio na mente dos incrédulos.

Mas, também, isto não é novo. Muitos pastores foram taxados no passado, tal como nos dias de Paulo, que foi acusado de vinte diferentes difamações arroladas uma a uma na sua Segunda Carta aos Coríntios. Perseguições e sufocos, sofridos pelos de dentro e de fora, apertos tais que Paulo “*desesperou da própria vida*” (2 Coríntios 1:8). Tentaram enlamear Paulo e seu apostolado. Tudo isto para mostrar que a obra do Evangelho não é nossa e a salvação é coisa de Deus (Efésios 2:8-9). Os métodos do

Senhor são diferentes dos nossos e o Seus caminhos outros, Seus planos mais elevados do que sequer possamos imaginar.

JHEAN - O senhor acredita que as redes sociais e a presença cada vez maior de igrejas bíblicas na *internet*, ajudaram a refrear o avanço da Teologia da Prosperidade no Brasil nos últimos anos?

REV. LUDGERO - Não creio! O joio crescerá juntamente com o trigo, conforme ensinou Jesus. Creio que, nos últimos dias, haverá muito escândalo, a heresia correrá solta, a verdadeira Igreja de Cristo será escarnecida e maltratada e as evidências da falsidade serão manifestas (Apocalipse 2:10). Mas, a Igreja é mais que vencedora (Romanos 8:37-39)

Sei que a internet é um instrumento precioso de divulgação da Palavra de Deus. No entanto, como está acontecendo na China, onde está a maior e mais pujante igreja do planeta, em meio a grande perseguição e sob grandes desafios, ali praticamente não há divulgação do Evangelho pelos meios eletrônicos, como também não ocorre em outros lugares do mundo. A propagação do Evangelho tem se dado de pessoa a pessoa. E agora sendo impedidos de se reunirem em templos, destruídos por este regime atroz do *Comunismo*, passaram a se reunir nas casas.

A igreja por detrás das cortinas de bambu, no continente amarelo, cresceu ainda mais. Ninguém detém o avanço da Igreja de Cristo, nem mesmo estas teologias fajutas que vieram para enganar a muitos, mas não aos eleitos.

E por falar em Igreja na China, ali está uma prova cabal do fracasso e da falsidade desta Teologia da Prosperidade. O crente, em muitas partes do mundo, ao se converterem não espera prosperidade material e temporal, pelo contrário. As promessas e bem-aventuranças deixadas por Jesus ao seu povo se resumem nisto: *“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo disserem todo mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus, porque assim perseguiram aos profetas que foram antes de vós”* (Mateus 5.11-12). Eis o que o mestre nos jurou. O Senhor mesmo nos deixou exemplo, que, comparado com os chacais que tinham seus covis, ele mesmo não tinha sequer onde reclinar a sua cabeça (2 Coríntios 4:8-9).

JHEAN - O senhor acredita que falta algum tipo de representação das denominações contra a Teologia da Prosperidade? Isso é, notas oficiais, instruções eclesiais claras e bem direcionadas objetivando o posicionamento firme de cada denominação contra o ensino e

as práticas da teologia da prosperidade?

REV. LUDGERO - Falta sim. Vejo que as denominações protestantes históricas no Brasil são parcimoniosas. Estas preferem o “politicamente correto”. Se expressam pouco contra as heresias das seitas e destas tendências contemporâneas, por se manterem numa “política de boa vizinhança”. Via de regra, os que alçam suas vozes aqui e ali, são pastores isolados e estes acabam sendo malvistas como “críticos”, “briguentos”, “intransigentes” “rabugentos”. Até mesmo em certas denominações que foram infiltradas por esta e outras heresias, suas lideranças se calam com receio de perderem votos para manterem-se perpetuamente no poder.

JHEAN - Quais conselhos daria para os pastores comprometidos com a Escritura, a fim de ajudá-los a combater a Teologia da Prosperidade em suas igrejas locais?

REV. LUDGERO - Pregue a Palavra. E mais: pregue expositivamente. Mais, ainda: pregue sequencialmente. Haverá alimento, ensino, admoestação para cada um dos assuntos que se levantam em nossos dias e não faltará o que ser apresentado para cada momento da história da Igreja, fortalecendo o povo de Deus com a Verdade.

Concentre o seu ministério no púlpito e devote mais tempo ao estudo que resulte em sermões bem preparados. Ore para que Deus o use com o poder que é dEle. Seja simples, mas jamais simplório. Não faça nada no púlpito que torne aquele recinto sagrado num lugar hilário. Nobreza e erudição sem ser pernóstico. Culto a Deus é lugar para fazer crescer o povo de Deus espiritual, intelectual e socialmente. Se um crente quiser enriquecer, porque não há pecado na riqueza, ganha com honestidade. Que estude, se prepare e trabalhe muito e que toda a sua riqueza seja usada para o bem da obra de Deus e o bem de outros.

Na verdade, estas igrejas modernas, nem púlpito tem mais – tem palco! O templo se transformou numa casa de shows! O culto, em espetáculo! A mensagem – motivacional! A consagração de vida, numa barganha! Luzes todas focadas no artista, o resto negro. O Evangelho sem Cruz! Pecado sem culpa! E a Graça precisa ser paga pelo freguês! A igreja, um banco de investimentos – deposite na conta do pastor e você receberá de volta com juros e correção monetária sem comparação com qualquer renda no mundo dos Valores da Bolsa!

Devemos orar por uma Reforma que nos venha com Reavivamento, e um Reavivamento que se assente numa Reforma Bíblica! Cultos

solenes e reverentes, bíblicos e repletos da Palavra de Deus. *Cristocêntricos*, pois onde o Espírito Santo de Deus é o centro, ali revela-se uma igreja imatura. Onde Cristo é o centro, ali encontra-se uma igreja madura. A obra, por excelência do Espírito Santo de Deus é exaltar a Cristo exaltado na Sua Palavra. Quanto mais Cristo é exaltado, mais o Espírito Santo opera com poder a Sua obra.

O segundo círculo concêntrico de ministério de pastores bíblicos é o gabinete pastoral, para que o aconselhamento bíblico noutético se faça. Os crentes que ouvirem a Palavra de Deus, em sua pureza e integridade, proferida a partir do púlpito bíblico, onde o verdadeiro culto ocorre, buscarão o pastor para esclarecimentos, para fortalecimento, para confissão, para consagração de vida.

O terceiro círculo concêntrico é a visitação. Não visite, ninguém que seja, somente para tomar um cafezinho. Visite como resultado do que aconteceu no gabinete pastoral no momento do aconselhamento, ou quando for para ser útil pastoralmente e não por uma mera troca de futilidades.

A Teologia da Prosperidade é uma heresia. Pregue a Verdade que a mentira será derrotada. Não hesite, não desista. Não caia na tentação de encher a sua igreja de maneira fácil.

Toda heresia enche igrejas falsas de crentes vazios. As “modernices” são atraentes. Mas, também, igrejas da moda, que abraçam as teologias falsas, têm duas portas. A que entra e a que sai. É por isso que, para manter a plateia, para entreter, estes artistas do púlpito/picadeiro se metem em novidades a cada instante. E, lembre-se, toda a novidade é porta para a entrada de heresias perniciosas.

Termino dizendo que o sofrimento é a maneira que Deus usa misteriosamente para nos depurar, tal como o ourives depura o ouro pelo fogo. Deus, como mestre da ourivesaria, está, como um artista, trabalhando na construção da coroa da Noiva do Redentor, Seu Filho, para nos apresentar a Ele, esposa adornada, ataviada, embelezada, com vestes lavadas pelo seu precioso sangue, para o dia bendito das bodas que nunca mais passarão. (1 Pedro 1:3-12)

Ludgero Bonilha Moraes é pastor presbiteriano. De 1976 a 2016 foi Pastor na Primeira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte – MG, e de 1976 a 2010 foi Professor de Teologia Sistemática e Contemporânea no Seminário Presbiteriano de Belo Horizonte – MG. É professor convidado do Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper e na Universidade

Presbiteriana Mackenzie – SP. É Bacharel em Teologia 1971-1974, pelo Seminário Presbiteriano do Sul. M.Div pelo Faith Theological Seminary, de Philadelphia – USA. Mestre em Teologia Contemporânea, pelo Centro Teológico Andrew Jumper - Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutorado inconcluso, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), de Canoas – RS. Também foi Secretário-Executivo do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil de 2002 a 2014, Presidente Relator da Comissão de Relações Inter Eclesiásticas da mesma denominação e durante o mesmo período. É fundador e Presidente da Fraternidade Latino-Americana de Igrejas Reformadas e fundador da Fraternidade Mundial de Igrejas Reformadas



Jhean Almeida é pastor-auxiliar na Igreja Batista Profética em Santa Luzia - MG, professor do Seminário Teológico Kyrios e editor-adjunto da Revista Fé Cristã. Casado com Tamiris Almeida e pai de Valentina Almeida.

PSICOLOGIA E FÉ CRISTÃ

A NECESSIDADE PSICOLÓGICA DO

Sofrimento

Ninguém quer sofrer. Se por um minuto tivéssemos poder ilimitado para afastar de nós toda a possibilidade de dor, não pensaríamos duas vezes. Mas, assim que o fizéssemos, instantaneamente seríamos retirados do mundo, ou do mundo que conhecemos, e retrocederíamos a um estágio quase que embrionário.

Na atual conformação da realidade, num mundo que não é o ideal, a anulação do sofrimento não é diferente de uma anulação de toda a possibilidade de desenvolvimento físico e psicológico. Sem pressões ambientais, nossa musculatura e nossa ossatura seriam muito mais frágeis. Sem pressões e frustrações existenciais, que abrem feridas em nossa psiquê, seríamos criancinhas no corpo de adultos. Sem sofrimento físico e psicológico, nos veríamos como a imagem e semelhança daqueles anjinhos flutuantes e gordos, esbanjando ingenuidade e sempre acima do chão. O problema é que isso, mesmo se fosse possível, não funcionaria no cenário da humana vida natural e social. Não nascemos fartos, mas nus e aterrorizados, e a miséria material e o terror são os primeiros fatos que se nos apresentam. E, nascidos de um trauma, da saída do calor uterino, frágeis como mamíferos prematuros, de imediato somos inseridos na complexidade de um mundo de

leis naturais e de normas morais e sociais, que nos bloqueiam, nos frustram, nos moldam.

A “plenitude” da vida pré-natal, quando estamos sob a guarda ininterrupta do corpo e do afeto da mãe, nos suprindo e aquecendo o tempo inteiro, é de pronto distinguida do susto do nascimento, quando temos que respirar pela primeira vez. A condição pré-natal é tão paradisíaca, que a sua imagem edênica jamais sai de nossa psiquê, jamais abandona a sua posição nas raízes mais profundas de nosso ser, que sempre quererá voltar ao Paraíso, reencontrar a condição despreocupada e sem compromissos da inconsciência.

Essa busca pelo regresso ao Éden procurará se atualizar na relação simbiótica entre a mãe e o bebê nos primeiros meses após o nascimento. Ali, no colo materno, amamentando-se, o bebê revive algo da plenitude que há pouco experimentava integralmente e da qual tomou “conhecimento” quando foi dela umbilicalmente cortado. Por isso, a figura da mãe é também a primeira imagem do mundo que a criança formará: um mundo onde ela, a criança, é a protagonista e no qual todo o resto não passa de uma extensão da sua vontade. Essa sensação de onipotência e de protagonismo, típica de uma vida psíquica ainda pouco diferenciada, dada a pouca exposição a uma variedade de

experiências na realidade, é descrita como uma inflação:

“para a criança, é natural se ver como muito maior do que é, e a sensação que tem a respeito de si, quando não alterada pelas circunstâncias e mantida antinaturalmente até a maturidade física, dará nas megalomanias de quem se percebe como divino. Esse self inflado fica bem nítido na forma do desenho infantil, que reproduz pessoas com um corpo circular, uma expressão simbólica da totalidade” (EDINGER, 2020).

Há um mito grego que diz que os primeiros homens, feitos de uma unidade perfeita e grandes como os deuses, tinham corpos circulares. Esses homens, ao descobrirem os deuses olímpicos, se organizaram para assaltar os céus e destroná-los. Isso não é tão diferente da história da Torre de Babel, na unitária humanidade auroral do Pós-Dilúvio.

Mas a vida não é perfeita. Além do próprio trauma do nascimento, o modo como o bebê é manipulado pela mãe, que direciona sua cabeça para o peito, e os momentos nos quais a mãe não está presente e não pode nutri-lo, são também pequenos traumas. Um trauma, em termos psicológicos, é uma contradição entre o evento e a estrutura da psiquê, de modo que esta não tem meios imediatos de assimilar aquele.

Pequenos traumas, contudo, não são insuperáveis pela psiquê: um curto momento de fome seguido da amamentação será introduzido na psiquê como uma instrução sobre a vida - o bebê não é, na realidade, onipotente, e precisa se desenvolver e obter maior autonomia para não depender tão absolutamente do arbítrio externo. Dores físicas causadas por tombos, ou mesmo dores que emergem do desenvolvimento natural do organismo, como o crescimento dos dentes, também servirão de matéria-prima para a mente melhor entender o mundo e a si mesma. Em diversas ocasiões, esse entendimento é mais bem expressado com imagens, que a criança encontrará fartamente nos contos de fadas. Junto às dores gengivais, prelúdio da vinda dos dentes, cresce o interesse pelo Lobo Mau, com sua bocarra cheia de dentes e sua fome sem fim (DURAND, 2012).

Em resumo: todo o desenvolvimento físico e psicológico do homem depende de níveis baixos e moderados de sofrimento, de dores que, abatidas sobre o corpo ou na mente, levarão a uma reconfiguração da autoimagem e da própria estrutura mental, ambas atualizadas para uma melhor adequação ao mundo e suas demandas.

Espera-se que o homem adulto, maduro, seja portador

de uma estrutura mental adequada à sua força física e às suas capacidades, estando habilitado a canalizar sua potência física e mental para a realização de tarefas socialmente úteis e pessoalmente satisfatórias. Nada mais perigoso do que jovens que, já tendo a força física de um corpo adulto, estão com suas mentes aprisionadas na infância, pois são eles que reagem com maior violência às proibições que lhes são impostas pela família ou pela sociedade, além de tenderem à inconsequência em seus atos, com o ônus de sua maior capacidade destrutiva (CAMPBELL, 2014).

Ao longo de toda a história humana, a adequação entre o corpo e a psiquê foi uma das atribuições da cultura, da comunidade. Há alguns momentos da vida que são mais decisivos, onde a transição entre uma etapa e outra precisa ser definida melhor e bem assegurada. Os ritos de passagem das comunidades tradicionais são um exemplo clássico: adolescentes ainda infantilizados, mas com capacidade física para o exercício de atividades benéficas para o grupo, eram retirados do mundo caseiro das mulheres e levados ao círculo masculino da caça e da guerra, onde passavam por algum tipo de terror físico e/ou psicológico, capaz de dissolver a estrutura mental infantil e deixar o jovem predisposto a

receber uma nova estrutura, que vinha por meio de mitos secretos e restritos aos homens, portadores de um conteúdo simbólico adequado para dar significado para a vida adulta e incentivo para o bom uso do corpo e das capacidades mentais nas novas tarefas. Em tempos mais recentes, outros ritos foram considerados iniciáticos, como a participação do menino em um esporte de contato físico e o seu primeiro dente ou braço quebrado em jogo, um acampamento, uma caçada... sempre acompanhado de algum mentor masculino mais velho e mais experiente, capaz de validar a transição e afirmar as qualidades do rapaz.

Em nossos dias, contudo, não existem mais mecanismos rituais socialmente válidos e compartilhados para essa introdução de adolescentes na vida adulta, não há mais o ancião à espreita, esperando o jovem estar maduro para receber bons conselhos sobre como é ser e viver a masculinidade adulta. No espectro feminino, a ausência de anciãs conselheiras e virtuosas para ensinar as meninas e aconselhá-las cobra um preço semelhante: estamos vendo gerações subsequentes entrando na vida adulta sem saber o que fazer, como fazer, por qual motivo fazer, e sem uma ruptura adequada com a mentalidade, os desejos e as demandas psicológicas infantis. Por isso presenciamos, além de um

"[...] acostumados a uma dose diária de pequenos sofrimentos, que tomam como estímulos e não como motivos para desistir, acabam mais felizes e, por serem mais competentes, veem-se com mais otimismo."

crescimento vertiginoso nas psicopatologias, um aumento geral de adultos sedentos por entretenimentos que outrora eram restritos ao universo das crianças, como os super-heróis e os *videogames*, e temos que assistir a “pessoas grandes” com um emocional bastante superficial e fragilizado, sem boas reservas de capital psicológico, matriz da boa paciência, da tolerância à frustração, do foco, da capacidade de lidar com as complexidades do mundo real. Temos personalidades inchadas, sedentas pelo paraíso infantil e sempre em busca por reproduzi-lo através de fantasias diversas e da construção de um mundo artificialmente seguro, cercado de recursos para afastar o tédio e hiperestimular a mente. Em suma: pessoas que foram excessivamente poupadas do sofrimento por pais assustados e por instituições superprotetoras, não sabem como lidar com o sofrimento e querem afastá-lo a todo o custo - e esse custo envolve sua própria saúde mental.

O psicólogo norte-americano Martin Seligman (2004) observou que jovens movidos a atividades prazerosas (atividades cuja finalidade é o prazer, o estímulo mais imediato possível), são também os jovens que apresentam maior incidência de distúrbios psicológicos, como ansiedade e depressão, e são, em geral, menos satisfeitos, considerando a si

mesmos mais infelizes. Esses jovens, chamados de “jovens de shopping center”, não possuem em sua rotina compromissos e atividades complexas o suficiente para que a sua musculatura moral e psicológica seja bem exercitada e, portanto, acabam sendo menos bem-sucedidos em suas vidas familiar, profissional e acadêmica, visto não possuírem quantidades adequadas de recursos cognitivos para estudos vestibulares, para crescimento profissional e para a manutenção de relações familiares ricas e no longo prazo. Em oposição a esses, temos os jovens que foram identificados como envolvidos em atividades gratificadoras (atividades mais complexas e que são procuradas justamente pelo desafio). Esses jovens, melhor engajados nas demandas domésticas da família, em projetos na comunidade onde residem, em algum esporte ou jogo, são também aqueles que apresentam uma melhor saúde mental e que se afirmam mais felizes e satisfeitos. Tais jovens, cujas faculdades mentais são estimuladas pelas demandas das atividades nas quais estão inseridos, tendem a uma vida mais satisfatória em todos os aspectos (familiar, profissional e acadêmico), pois têm maiores reservas para suportar provas difíceis e superar barreiras desafiadoras. Ou seja: acostumados a uma dose diária de pequenos

sofrimentos, que tomam como estímulos e não como motivos para desistir, acabam mais felizes e, por serem mais competentes, veem-se com mais otimismo.

Jonathan Haidt (2018), psicólogo estadunidense, observou como o uso dos *smartphones* desde a primeira infância tem adoecido uma geração inteira de adolescentes, viciados em estímulos constantes, como os que têm no celular, e criado uma legião de pessoas ansiosas, depressivas e portadoras de toda a qualidade de psicopatologias. Soma-se ao uso irrestrito dos celulares a influência de uma sociedade superprotetora, onde situações psicológica e fisicamente mais intensas, como aquelas que possibilitam os ritos de passagem, não podem acontecer. Pais ansiosos e incapazes de lidar com o menor nível de sofrimento em seus filhos, por terem sido eles mesmos privados de quantidades saudáveis e necessárias de sofrimento, e instituições obcecadas pela evitação de todo o tipo de dor, têm feito de nossos jovens e adolescentes pessoas altamente vulneráveis e incapazes de administrar com maestria as demandas da vida real. De certas filosofias que permeiam a educação primária e secundária, que não permitem testes difíceis, punições brandas e nem reprovações, até um ensino superior cada vez mais

ocupado em assegurar conforto físico e psicológico para os universitários, estamos criando pessoas incompatíveis e inadaptadas ao mundo que conhecemos e no qual devemos viver. Essas pessoas, que são tolhidas do amadurecimento pela reação autônoma ao sofrimento natural, não conseguem se individualizar o suficiente e, cheias de ilusões e de expectativas fantásticas e infantis a respeito do que a sociedade lhes deve fornecer, certamente estão se frustrando terrivelmente quando pessoas anônimas, nas ruas e em seus locais de trabalho, lhes negam seus caprichos. E certamente sofrerão muito mais do que jamais poderiam ter sofrido antes, no ambiente seguro de seus lares e escolas, quando perceberem que não possuem recursos psicológicos para desempenhar com confiança e vigor suas demandas em casa, no trabalho, na igreja e na vida acadêmica. O fato é que é uma tremenda e desonesta mentira fazer as crianças e os jovens se

pensarem como muito especiais e transformadores do mundo, ou como merecedores de tudo o que querem ou sonham, pois, a realidade é que o mundo nunca mudou para se adaptar a ninguém - são as pessoas que devem mudar para melhor estar no mundo, mesmo quando sabem que não são do mundo.

Bibliografia

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito* (São Paulo: Palas Athena, 1990).

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* (São Paulo: Martins Fontes, 2012).

EDINGER, Edward. *Ego e Arquétipo* (São Paulo: Cultrix, 2020).

HAIDT, Jonathan; LUKIANOFF, Greg. *The Coddling of the American Mind: How Good Intentions and Bad Ideas Are Setting Up a Generation for Failure* (Nova Iorque: Penguin Books, 2018).

SELIGMAN, Martin. *Felicidade Autêntica* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2004).



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do *TeachBeyond Brasil*. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela UNIVATES, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado - RS. Casado com Gabrielle.

A PREGAÇÃO TRIUNFALISTA



Triunfalismo é um termo incorreto para classificar a pregação neopentecostal. Antes, deveríamos chamá-la de pregação da ruína, do fracasso, da morte, do inferno.

Há uma convicção basilar à fé cristã que, quando pensada profundamente, percebemos que é o único porto seguro existente no mundo: Deus age e *fala*. Sabemos que Deus age porque Ele falou, isto é, Deus agiu através de uma *revelação verbal*, decidindo gravar Suas palavras, onde se pode encontrar, em meio a agonia e ao caos epistemológico deste mundo caído, a Verdade. Se Deus não falasse, o conhecimento seria impossível, a sabedoria inexistente e a verdade desconhecida. No entanto, Deus falou e fala.

A revelação verbal, sendo um conjunto de proposições válidas, verdadeiras e sagradas, compõe o que chamamos Cânon. Então, ao longo da história tanto da Igreja da antiga aliança – Israel –, como a partir da Igreja primitiva,

Deus levantou um conjunto de arautos comprometidos em anunciar as palavras do Cânon sagrado, ou da Bíblia Sagrada aos eleitos de todas as gerações, a fim de guiá-los (Salmos 119:105).

No Antigo Testamento, Noé foi chamado de pregador da justiça (2 Pedro 2:5) e Abraão de profeta (Gênesis 20:7). No período em que a Lei foi entregue os sacerdotes, estes foram estabelecidos como seus pregadores (Levítico 10:11); Deuteronômio registra as pregações de Moisés à Israel. A pregação também estava na boca dos anciãos – sábios - (Jeremias 18:18) e dos profetas (Êxodo 4:14-17).

No Novo Testamento, por sua vez, a pregação tem relevância singular: os judeus a tinham aprimorado desde o Exílio babilônico, onde passaram a se reunir em sinagogas para recitarem o *shema* – “*Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor...*” -, a orar em público e individualmente, a ler uma parte das Escrituras, e isto era seguido da *homilia* ou explicação da passagem lida (Lucas 4:16-22).

Há ainda a questão do que é a característica mais distintiva nos cultos do Antigo Testamento e Novo Testamento, pois, na Antiga Aliança, embora a pregação

tivesse um importante papel, os sacrifícios eram mais importantes; já no Novo Testamento, com Cristo tendo cumprido em si toda a cerimônia sacrificial, para *Quem* as figuras apontavam, a pregação ganha destaque primordial.

Já não há dúvidas quanto ao papel e importância da pregação ao longo da história da igreja, como diz Paulo Anglada:

“Deus nunca deixou seu povo sem classes especiais de pessoas às quais competia o ensino e proclamação da Sua vontade com relação ao que o povo deveria crer e fazer para viver, servir e cultuá-lo de modo que Lhe agradasse.”⁷

A pregação influencia. Quando verdadeira, traz vida (1 Coríntios 2:4); quando falsa, conduz à morte (2 Pedro 2:1). Portanto, visto que a pregação tem essa importância e poder, é natural percebermos que o neopentecostalismo, com toda a sua problemática, está amalgamado com um perfil específico de pregação, a popularmente chamada de *triumfalista*.

É importante ressaltar que o termo pode ser enganoso, porque o Evangelho é *boas-novas*, mensagem de triunfo. Cristo ressuscitou! Cristo cura!

Cristo salva! Cristo liberta! O triunfo pertence ao Evangelho, ao ponto de Paulo nos classificar como “*mais que vencedores*”, (Romanos 8:37). À guisa disso, *triumfalismo* é um termo incorreto para classificar a pregação neopentecostal. Antes, deveríamos chamá-la de pregação da ruína, do fracasso, da morte, do inferno. Todavia, como o termo popularizou-se assim, em termos didáticos, assumiremos por pregação *triumfalista* a pregação neopentecostal, apesar da observação feita.

O neopentecostalismo é uma variação do movimento pentecostal, sua chamada terceira onda. Essa proximidade leva a algumas semelhanças, pois, assim como o pentecostalismo se distingue das igrejas tradicionais pela ênfase nas curas, segunda bênção, poder sobrenatural, o neopentecostalismo se distingue por estreitar demais a ênfase na prosperidade, somando isso a novas abordagens e métodos, e um conteúdo diferente na pregação: o *triumfalismo*.⁸

A pregação *triumfalista* é imbuída de uma ideologia específica, importada do conceito de *American Dream* - o sonho americano -. O

⁷ Anglada, Paulo. *Introdução à pregação reformada, uma investigação histórica sobre o*

modelo Bíblico-reformado de pregação (Knox) Pág. 22.

⁸ Alencar, Glauber. *Aspectos da cultura pentecostal brasileira*

(Mackenzie, 2015). Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2820/5/Glauber%20Rodrigues%20de%20Alencar.pdf>

“evangelho da prosperidade foi constituído pela deificação e ritualização do *American Dream* [...] ambos compartilham uma antropologia inabalável, fortalecida através de traços que levam à ação, urgência, um senso de ser escolhido, e um desejo de tomar as rédeas da vida.”⁹

A pregação, nessa linha, é o meio de expor associações do milagre, conquista, triunfo por meio de ações financeiras, sejam elas diretas, na aquisição de objetos que supostamente ajudam a conquistar o alvo desejado,

seja um óleo, uma chave, uma vassoura ou qualquer coisa que representa um veículo de conquista, ou indiretas.

A pregação é importante para criar essas associações, um imaginário de conquista não sob a égide da fé, na confiança no “*firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem*” (Hebreus 11.1), antes, é por meio de coisas visíveis que se espera algo de Deus.



Dilson de Assis Batista Neto, ou Dilson Neto, é pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Belém-PA, no templo Vileta. Formado em teologia pelo SETAD e bacharelado em Engenharia Elétrica pela UFPA, tem 27 anos, e é casado com Kathleen P. M. Batista. Pai de Heitor.

⁹ Ibid, pág. 25.

"EU NÃO PREGO TEOLOGIA DA PROSPERIDADE, EU PREGO PROSPERIDADE BÍBLICA"



Grande parte dos púlpitos brasileiros ainda mantém certos tipos de pregações e ensinamentos destoantes das Escrituras, e muitos destes ensinamentos estão trasvestidos de piedade e benevolência, se apossando de uma capa enganadora, utilizando de falácias e boa retórica que, a princípio, convence os indoutos, mas com o objetivo final de os manter presos em uma cosmovisão destrutiva.

A corrente denominada *Teologia da Prosperidade*, tema dessa edição, ou *Teologia da confissão positiva*, teve sua origem em solo norte-americano, e foi grandemente difundida aqui no Brasil a partir dos anos 70, tendo seu principal precursor o Bispo Edir Macedo. Infelizmente, os ensinamentos desta linha ganharam muitos adeptos, fazendo com que a chamada “terceira onda do pentecostalismo” se estabelecesse de vez por aqui.

Os ensinamentos desta teologia geraram, desde então, alguns questionamentos:

UMA ANÁLISE DOS MÉTODOS, PRÁTICAS E ENSINOS USADOS POR ESSA TAL “PROSPERIDADE BÍBLICA” CULMINA NOS MESMOS PONTOS APRESENTADOS PELA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE.

é possível que determinados textos bíblicos realmente ensinem que há a possibilidade de se crescer financeiramente através da prática dos dízimos, oferta e votos? É possível que, através de uma fé ativa, a vida financeira do indivíduo alcance patamares altíssimos?

Um dos pontos perigosos e maléficos do ensino da Teologia da Prosperidade é que o fiel é encorajado a usar Deus para qualquer coisa que deseje alcançar. Suas confissões, especialmente os favores que exige de Deus, devem ser afirmados e decretados positivamente e sem qualquer dúvida de que vão acontecer. Então, Deus ficará com a responsabilidade de responder a tal pedido. Um ponto muito divulgado pelos representantes desta teologia é a ênfase exacerbada no ganho de riquezas. Para estes, o crente deve desfrutar de bens materiais, boa saúde e ser muito próspero, pois esta é a vontade de Deus para seus filhos.

Em grande contraste à esta ênfase da Palavra da Fé em ganhar dinheiro e ter muitas posses nessa vida, Jesus disse: *“Não ajunteis tesouros na terra, onde a troca e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam”* (Mateus 6:19). A contradição irreconciliável entre o ensino do evangelho da prosperidade e o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo é resumida pelas palavras de Jesus em Mateus

6:24: *“Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiara a um e amara o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e a Mamom (Riquezas)”*.

Dito isso, quero pontuar aqui a proposta deste texto: nessa onda, algumas [ou muitas] igrejas pentecostais criaram uma “falácia da falácia”, se assim posso dizer, usando um discurso de aversão a tal teologia, mas, na prática, adotando os mesmos pressupostos. Isso tudo pode ser resumido na seguinte frase: **“Eu não prego teologia da prosperidade, eu prego prosperidade bíblica”**.

O discurso é muito promissor e envolvente, cativando aqueles que já criaram uma aversão à etimologia da expressão *teologia da prosperidade*, fazendo-os crer que o ambiente pentecostal que adota esses termos, estão de acordo com a Sã doutrina. Entretanto, uma análise dos métodos, práticas e ensinamentos usados por essa tal “prosperidade bíblica” culmina nos mesmos pontos apresentados pela Teologia da prosperidade. E quais seriam eles?

1) uso de textos bíblicos picotados de seus respectivos contextos.

2) ênfase em dinheiro, usando atrativos que, no fim, sugerem uma troca de favores com Deus.

3) alusão à certas situações na vida do crente que, supostamente, estariam precisando de libertação - no nosso caso, a vida financeira.

A conclusão destes é o mesmo da dita Teologia da Prosperidade: fazer uma parceria com Deus em seus negócios. Mas, o que a Bíblia realmente ensina sobre riquezas? Qual caminho seguir?

Sim, a Bíblia fala de prosperidade, dinâmicas e riquezas. No Antigo Testamento, temos mais de quinhentos versículos que falam especificamente sobre dinheiro. O próprio Jesus falou sobre dinheiro e riquezas durante seu ministério. Todavia, a maneira com que a Bíblia faz esta análise final é esta: mostrando que tais riquezas podem levar o homem à ruína, condenando quem deseja ardentemente se tornar rico e, assim, evidenciando o perigo da avareza e o amor ao dinheiro.

Há um ponto de equilíbrio?

Quando alguém é CONTRA a Teologia da Prosperidade, não quer dizer que seja a FAVOR de uma teologia da miséria.

A questão crucial é que o relacionamento com Deus não é medido pelas aquisições ou perdas na vida. O que o evangelho sempre propôs foi o **contentamento** – a satisfação

em Cristo, sem depender de oscilações exteriores.

Deus é abençoador sim, mas perverter textos bíblicos para fazer dele um fantoche, ou um gênio da lâmpada que tem a obrigação de atender desejos egoístas é blasfemar de sua pessoa.

A eficácia da mensagem da cruz não é definida por riquezas ou pobreza, saúde ou doença, e sim pela reconciliação em Cristo. Quando eu tiro isso da mensagem, eu reduzo o Evangelho. A fé em Cristo não é baseada em oscilações nesta vida, mas sim em seu caráter imutável. Portanto, a paz que Ele proporciona em meio a

tudo isso, excede todo o nosso conhecimento, entendimento.

Nem todos vão prosperar, nem todos serão curados, nem todos terão alívio de suas depressões e indagações. Porém, todos os que crerem em Cristo serão reconciliados com Deus, terão paz e serão satisfeitos Nele por toda eternidade.

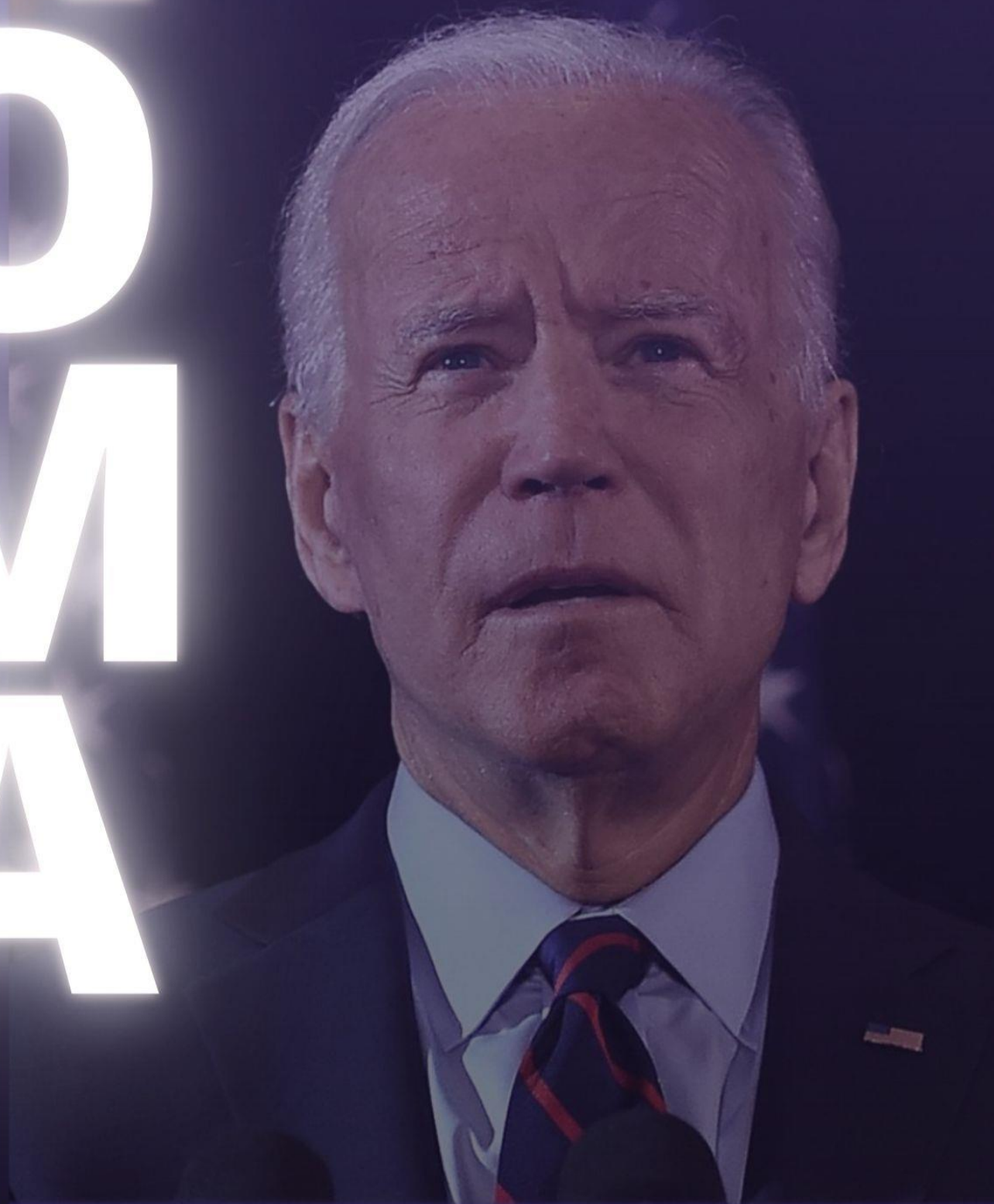
Sendo assim, os que estão contentes em Cristo, dificilmente ficarão frustrados. Pois, nada e ninguém tem o poder de nos separar do amor de Deus.



Alisson Bruno é um pensador cristão, escritor e blogueiro. É presbítero na Igreja Assembleia de Deus - Nova Serrana - MG. Formando em Capelania cristã pela UCEBRAS, Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista Izabela Hendrix e médio pelo Seminário Batista Livre. Atua e é idealizador de vários projetos teológicos nas mídias sociais. Casado com Juliana Avelino e pai de Benício Lucas.

A nova

ROOM M A



O Império Romano foi, sem dúvidas, um dos impérios mais mistos e ricos, que conseguiu durar dando relativa liberdade aos que viviam sob seu poder. A Cidade de Roma, segundo Philip Schaff, era

“o mundo em miniatura, ‘orbis in urbe’ [mundo na cidade]. Roma conquistou todo tipo de nacionalidade do mundo civilizado, trazendo sua população de leste a oeste, do norte e do sul. Todas as línguas, religiões e costumes [...] tinham uma casa lá.”¹⁰

Se trocarmos Roma por “Estados Unidos” não haverá muita diferença. Em um sentido, os EUA têm sido a Roma moderna. Grande, dividida, mas com um único nome e uma paz aparentemente inabalável. Tal como Roma, as preocupações são internas, pois o conflito externo parece ser rotina, protocolo; o país, por dentro, parece desabar as estruturas que foram construídas para impedirem os piores ditadores de tocarem no cetro do governo político.

Roma tentou se recuperar por meios econômicos (ao seu modo, na época) e, eventualmente, até mesmo conseguiu e voltou tão forte quanto antes (Apocalipse 13.3). As reformas, entretanto, passaram da tentativa de

voltar a adorar os antigos deuses ou, pelo menos, de manter o império tão pacífico quanto possível, para a perseguição contra os cristãos. Afinal, tendo o império lutado contra as crises pela economia, pela reforma política e pela busca aos deuses, e nada tendo resolvido, o único elemento que ainda não havia sido tratado era o *Cristianismo* - essa era a forma de pensar de cada imperador, que via no Cristianismo o último sacrifício para a purificação do Império. Para Roma, a remissão viria pelo sangue dos mártires, caso o sangue dos animais não resolvesse.

EUA e Roma, conquanto distantes cronologicamente, não estão longe um do outro em sua fase histórica. As questões sociais, “raciais”, identitárias e religiosas racharam a estrutura do país, tornando ele uma espécie de império de culturas distintas com um único governante. Nisso, o caos existente pede um agente, não só para explicar sua existência, mas também para receber a culpa por ele [ainda que tal conflito esteja presente antes deste agente vir à existência].

Disso, surge a necessidade de um *messias*, alguém que restaure a ordem e consiga, em si mesmo, ser nada e tudo ao mesmo tempo, ser negro,

mulher, não mulher, ateu e crente no poder do universo.

Por outro lado, nem todo paralelo entre os EUA e Roma é justo, pois Roma, em seu poder misto, caiu para dar lugar ao poder do cetro cristão; já os EUA percorreram o caminho contrário, indo do governo cristão para uma divisão romana. Os romanos perderam a fé no poder político pela fé em Cristo, a América perdeu a fé em Cristo e, por isso, procura um messias político. E cada lado tem o seu próprio messias, pelas suas peculiaridades. Se os conservadores modernos apresentam Trump - “o último pilar do Ocidente”, a esquerda, menos exigente por natureza, aceita Biden, como seu suficiente salvador que, com uma vice-presidente “mulher”, “negra” e “asiática”, tem nas mãos o poder de unir os EUA, desde que expulse todo o poder opressor que lá tem, supostamente, residido.

Alguém que tenha a santidade secular, com um pragmático interesse pelas causas dos mais fracos é o messias que uma nação dividida como os EUA pede. A perda do Cristo, para o povo da América, pede a vinda de outro, e este parece ser personificado em Biden.

¹⁰ SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church & Ecclesiastical*

History. Pág. 392. Edição Kindle. Tradução minha.

O unificador do caos e a Pax American

Biden passou, pelo menos para nós brasileiros, quase despercebido durante o governo Obama. Foi ofuscado pelo fato de o homem “mais poderoso do mundo” ter sido negro. Talvez, a maioria sequer ficou sabendo que ele foi vice de Obama (ele tinha vice?), devido ao protagonismo deste nas mídias. Obama havia conseguido ser amado até por muitos que se diziam conservadores. Essa evidência do presidente apagou o vice, mas, agora, justamente o que o apagou no passado tem servido como parte de seu currículo.

Ignorando o problema sobre se Biden ganhou ou não realmente as eleições, o fato é que agora ele está investido do poder presidencial. E, com esse poder, seu discurso traz a promessa de paz, amor, recepção e cuidado. Biden é o messias que pode atuar contra o caos levantado por Trump, o agente do caos imediato, e pode atenuar “o poder opressor do Cristianismo”.

É importante analisar o discurso de Biden e a característica do seu *esquerdismo americano*. O esquerdismo que veio da Europa e da Rússia é mais

Os romanos perderam a fé no poder político pela fé em Cristo, a América perdeu a fé em Cristo e, por isso, procura um messias político.

violento, é uma busca explícita da divisão entre empregados e empregadores. O esquerdismo americanizado, por outro lado, propaga a ideia de unidade, prometendo união entre todos os grupos *minoritários*. O esquerdismo não americano buscava a vitória de um grupo *majoritário* – os trabalhadores, que, em comparação aos empregadores, estavam em maioria. Já o discurso antiarmamento, repetido à uma pelos democratas, evidencia mais como eles lutam por uma *pax american*: as armas matam, e isso é preocupante. Para um comunista, na Rússia, isso era justamente o que dava à arma a sua utilidade e era o motivo mais que suficiente para se

armar os trabalhadores. Talvez, é por causa da influência do Cristianismo que os norte-americanos não consigam ser tão explicitamente sanguinários.

Mas, a questão é ainda mais profunda. Dentro do Cristianismo, o Governo tem o papel de *preservador*. É dado algo ao Estado que existe em si e por si, e que o Estado tem o dever de proteger.¹¹ Caso não o possa fazer, tem o dever de retribuir (Romanos 13:1-7). Para Biden, o Estado tem poder redentivo: ele reestrutura relações (antirracismo), guia para a verdade (a ciência), salva vidas (luta contra doenças) e garante o futuro do mundo (por meio da purificação da natureza). Todas essas atribuições são de

¹¹ MORECRAFT III, Joseph. *Com Liberdade e Justiça para Todos: Política Cristã Simplificada* (1.

Edição. Brasília: Editora Monergismo, 2016).

um messias ou estão divididas entre as instituições de Deus.

Biden prometeu unificar o país e, eventualmente, o resultado pode parecer bom. Afinal, o “racismo” parece ser um problema real, a ciência precisa ser utilizada, precisamos lutar contra doenças e a natureza precisa ser preservada. São coisas que todo o mundo concorda, mesmo crentes - não há por que o país se dividir neste ponto. A unidade parece clara visto que são questões que crentes e descrentes concordam. Seria melhor do que o Cristianismo. Religião sempre causou divisões, e há muitos pormenores que manteriam o país dividido. Por que não apelar para algo mais básico, ou mesmo instintivo? Preservar a vida por meio do instinto pode ser melhor do que depender de muitos questionamentos e gastar tanto tempo ensinando verdades absolutas que podem, no fim, serem elas mesmas motivo de divisão...

Eliminando o Cristianismo do meio público, a América do Norte seguiria para um período de paz. Paz para o povo americano. Paz para as relações humanitárias. Paz pela verdade científica. Paz para o mundo.

A bonança sobre a superfície e a luta contra o Cristianismo

Mas, o que se parece com a paz pode servir apenas para algumas pessoas. Se Roma só podia ter paz se eliminasse o Cristianismo, que, nas palavras de Tácito, cometia “ódio contra a raça humana”, não seria o caso de a Nova Roma precisar de um inimigo religioso?

Primeiro, seria importante entender algo sobre o Cristianismo e a política: a disputa política nos EUA não dividiu os cristãos entre “esquerda” e “direita”, ou entre “Democratas” e “Republicanos”, ou qualquer que seja o espectro. A divisão nasce antes da política. Cada indivíduo tem uma resposta para os problemas e males sociais. Cada indivíduo tem uma idéia sobre o que causa esses males. Quando surge um partido político e um cristão toma posição contra ele ou, a partir dele, contra outro partido, ele não está dividindo a “Igreja”, mas está expondo uma divisão que já existe, e que não está clara, apenas. Pode-se ignorar os rótulos políticos e as pessoas continuarão divididas em como resolver os problemas e a quem culpar. Por esta razão, a divisão americana *já é uma divisão religiosa*.

Nenhum crente que era contra os imperadores romanos em sua época poderia dizer que

esta era apenas uma questão política. Nem os imperadores romanos diziam o mesmo dos crentes — eles eram mais sinceros do que nossos políticos atuais, neste sentido. A busca pela paz americana é uma busca religiosa, não só porque seu inimigo é religioso e porque os cristãos se dividem na resposta, mas porque a disputa precisa de razões que estão além mesmo da ciência para se firmar. As pressuposições não podem ser evidenciadas pela ciência e, se a própria ciência é chamada de a pressuposição, então seria necessário, ainda, algo que dê a ela este *status*, sendo, por isso, esta outra coisa a base transcendental da afirmação.

De qualquer modo, os EUA estão divididos religiosamente: uma religião secular e outra espiritual. Uma materialista e outra que se materializa. Uma verdadeira e outra falsa. Por esta razão, se uma das duas religiões clamar pela absoluta verdade, elas terão problemas entre si. Afinal, o problema para a religião secular não é, necessariamente, a existência de religiões espiritualistas. O Estado tolera (assim como em Roma), desde que nenhuma diga ser a única verdadeira. Contudo, não se deve esquecer, a religião secular tem um desenvolvimento lógico.

O desenvolvimento lógico da religião secular é a crença nas influências do Universo, no que ele deseja, providencia, e como o universo quer que

determinadas coisas aconteçam. O Universo é a religião universal que une todas as outras. Por isso, não se pode exagerar. Biden ser contra a China e contra a Venezuela não é uma inconsistência. Se o Universo deseja a paz, e os EUA são o agente dessa paz, Biden precisa, por todos os meios, garantir a paz mundial, mesmo contra outros comunistas.

Ir contra interesses comunistas é parte do apelo de Biden, pois comunistas de verdade apelam para verdades absolutas. Socialistas (violentos ou não) de verdade lutam contra comunistas. Hitler, que dizia “Eu sou socialista”¹² e acusava os outros de se aliarem a um socialismo que é um “grosseiro marxismo” também tinha um ideal de socialismo. No ideal de Biden, o socialismo é pacífico com foco no *identitarismo*. Mas, como tudo isso é contra o Cristianismo?

A pacificação do mundo por meio de um poder intramundano é um apelo a uma verdade absoluta interna. Qualquer poder que “não é deste mundo” precisa ser extirpado. O governo tem que ser do povo e para o povo (sim, mesmo Trump defendia isso). Não há espaço para governantes instituídos por Deus, com o dever de representarem a Deus (não o povo) no julgamento do povo.

Por isso, ir contra o meio intramundano de pacificação é ir contra o próprio governo mundano – assim, fica claro o porquê é necessário eliminar ou, pelo menos, tornar o Cristianismo em algo palatável e dócil.

Biden mesmo não tem a intenção de destruir o Cristianismo diretamente, uma perseguição direta num dos maiores países do mundo, que é, teoricamente, muito civilizado, mancharia sua busca pela pacificação. Por isso, a intenção é domesticar o Cristianismo. Torná-lo parte da cola social que une as pessoas. Biden quer que o Cristianismo se alie a ele, mas não aceita a transcendência absoluta da religião de Cristo. Esse aspecto transcendental ele quer destruído, embora não a religião em si. Ele quer Cristo com o Universo. Cristo com ele. Cristo e todos os outros deuses, no panteão político norte-americano. A antiga Roma foi civilizada e domesticada pelo Cristianismo, a nova, quer fazer o inverso.

Isso é péssimo para o Cristianismo. A bonança e paz *mundana* são sustentadas por meio de um inimigo comum - qualquer cristão que não aceite o poder absoluto da Nova Roma, terá sua honra ou sua liberdade perdida. A Nova Roma não pune com a morte

seus opositores – não ainda. Sua punição é restritiva, porque a Nova Roma é fraca, por isso precisa de um inimigo para uni-la. A Antiga Roma precisava de sacrifícios. A Nova busca apenas um inimigo para culpar.

Os novos cristãos, pela ajuda do governo, inconscientemente buscam a capitulação dos outros. Redimir o capitalismo e o socialismo, interesses individuais e causas sociais. Esse é o tipo de cristianismo que Biden procura, porque ele não crê que o Capitalismo e o Cristianismo precisam de todo ser eliminados, só precisam ser redirecionados, conduzidos e controlados. A Paz presente de Biden é uma paz externa, com conflitos internos. É a paz do amor a humanidade, sem amor ao *próximo*. A paz da verdade da ciência, que muda, sem a verdade absoluta, imutável.

Alguns resultados e causas

O fato é que providencialmente Deus julga seu povo, e o julga por meio de governantes, frequentemente. Deus usou o rei da Assíria para julgar o reino do norte, em Israel (Isaías 10:5-6) e este ato não precisa ser consciente da parte do governante. Ele pode não ter o que Deus tem em mente, pode agir unicamente por sua vontade arrogante,

¹² FEST, Joachim. *Hitler* (Edição Compacta. Rio de Janeiro: Pocket Ouro), [19--].



mas, ainda assim, cumprindo o interesse de Deus.¹³

A expectativa é que Biden sirva para julgar aqueles que têm se afastado da verdade, isto é, de Cristo, em prol de salvadores seculares, temporários e inferiores. Ou seja, Deus tem dado a estes, justamente, alguém que tem todas as características de um salvador secular, para corrigir e repreender aqueles que por isso buscam.

O Cristianismo dos EUA não só é a causa do poder atenuado da maldade, como também é o

objetivo deste poder. Tudo pelo que o Cristianismo lutou é, agora, desafiado - embora não se possa dizer que o desafio seja grande pela força do Império, ele é grande pela quantidade de aliados entre eles. A guerra contra o Cristianismo é evidente.

A solução

Devo contradizer muitos *neocalvinistas*, mas a realidade é que *não se redime coisas ou ideias*. Não se “redime” socialismo e capitalismo. Ou algo é bom desde que Deus o criou e foi santificado por

Cristo, ou não há o que se fazer daquilo. As coisas podem ser boas ou ruins ‘por natureza’, mas não podem deixar de ser ruins por terem o nome “cristão” na frente. Não basta fazer a democracia virar “cristã”, isto é lutar pelos mesmos instrumentos que todos os ímpios têm lutado. É preciso uma reformulação da coisa toda, algo que os cristãos têm lutado durante toda a história e que se encontra nas Escrituras.

Disso, se deve notar que a crise real é espiritual e antecede à formação das ideologias políticas, de tal modo que essa crise tem se constituído a

¹³ CAMPOS, Heber Carlos de. *A Providência e Sua Realização Histórica* (1. ed. São Paulo: Cultura

Cristã, 2001).

própria ideologia do progresso. Toda decadência externa começou com a queda interna, com o afastamento daquilo que é ensinado nas escrituras sobre governo e vida. Assim, a noção de progresso está impregnada de noções religiosas e espirituais que antecederam à própria expectativa do progresso histórico. Mesmo Friedman, ao citar Nisbet, reconhece este fato de que o progresso tem caráter religioso antes do secular.¹⁴

Se é aí (na espiritualidade) que se inicia a crise, nada mais correto do que ajustar as coisas logo no início. Um país só pode ser liderado de volta à correção pela pregação do Evangelho, por seus pastores. Aquele Evangelho que encontramos na Confissão de Fé de Westminster é justamente o que levou os EUA ao seu poder e protagonismo. Sem essa fé, os EUA têm caído. Essa fé, contudo, não só é pragmaticamente o que leva um país ao poder, mas, é pelo fato de ser verdadeira antes de tudo, que é eficaz. Portanto, o valor da verdadeira fé, no Messias correto, deve ser avaliado em si, não simplesmente com o interesse em melhorar a política e a vida.

Porém, é evidente que as coisas não acontecem uma por vez. Enquanto pastores pregam, ímpios governam, bem como ocorria em Roma. O que houve em Roma? A conversão de um Imperador, depois de quase 300 anos de perseguição contra o Cristianismo. Constantino foi convertido e se tornou o modelo de governante para cristãos durante muito tempo, por meio de seus sermões e advertências aos seus subordinados.¹⁵ A mão perseguidora deu espaço ao governo de um cristão. Não fosse Constantino, o Cristianismo dificilmente teria tido grande sucesso público.

O ponto é que a busca por um novo Constantino não é inútil. Enquanto Roma caiu e se ergueu sobre os ombros do Cristianismo Primitivo, os EUA podem cair, e se erguer mais uma vez sobre os ombros do Cristianismo Confessional. Às vezes, de fato, a crise que antecede à bonança pode ser maior, mas não é inútil orar para que um cristão de verdade governe, não só tornando as expectativas da Esquerda política em nada, mas mesmo indo além da expectativa da Direita. Direita que, atualmente, tem atuado como a esquerda, de tal forma que começou a explicar as crises como causadas pelos problemas econômicos e está

buscando, na economia, a solução para as crises espirituais. É claro, na política, a economia tem sido irmã mais nova do governo – algo absolutamente fora das soluções reais para os problemas. Isso, porém, não significa que a economia não deva ser tratada, ela deve, e veremos brevemente isso.

Em seu livro, *Capitalismo e Progresso*, Bob Goudzwaard faz o que a maioria dos economistas atuais têm feito: criticar o capitalismo sem sequer oferecer uma definição dele que o valha.¹⁶ Termos como “sistema”, “mecânica”, “opressão” não só não explicam nada, como confundem mais ainda e distanciam o significado. E se tratando de um dos maiores problemas Ocidentais (nisso Goudzwaard está certo), é extremamente injusto não ter, ao menos, uma definição simplificada do que capitalismo significa.

Capitalismo é apenas outro nome para *Livre Mercado*. Qualquer coisa que torne o mercado “não livre”, deixa de ser o capitalismo como tal. E “livre”, em mercado, tem a intenção não de dizer que somos livres de necessidades (afinal, compramos muitas coisas porque precisamos delas), mas que somos livres

¹⁴ FRIEDMAN, Benjamin M. *As Consequências Morais do Crescimento Econômico* (1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009).

¹⁵ LEITHART, Peter. *Em Defesa de Constantino: O Crepúsculo de um Império e a Aurora da Cristandade* (Edição Kindle. Brasília: Editora Monergismo, 2020).

¹⁶ GOUDZWAARD, Bob. *Capitalismo e Progresso: Um Diagnóstico da Sociedade Ocidental* (1. ed. Viçosa: Ultimato, 2019).

em relação à obrigação de comprar algo. Se você não é livre para escolher qual empresa pagar para o fornecimento de energia da sua casa, você não está em um Mercado Livre. Portanto, pelo menos neste aspecto, não é o capitalismo que está sendo praticado. Pela falta de definições, com frequência, a culpa recai sobre o capitalismo. Tem se culpado o martelo, por este não servir para abrir a janela de vidro sem quebrá-la.

A recuperação econômica é um dever cristão, e deve se começar demonstrando que não só Biden não pode controlar a economia para o “bem comum”, como seu controle implica restrição da liberdade. Resolver as crises econômicas vai de encontro com o dever cristão de trabalhar e ser produtivo. Contudo, o dever de recuperar a economia tem sido impedido ou confundido em dois pontos:

- Primeiro, tem sido impedido pelas atuações do Estado moderno, que tem feito o possível para controlar o capitalismo (e, por isso, a liberdade) para ter em si todas as soluções e causas para a felicidade humana. A economia se tornou assunto do Estado, quando era para ser

assunto de indivíduos, família e comunidades. A Igreja, como instituição base, tem o papel de condenar o furto que o Estado tem feito na economia.

- Segundo, tem sido confundido por causa do *neopentecostalismo*, que não só mistificou o ganho do dinheiro, como tornou qualquer apelo religioso para o ganho justo um espantinho do que o *neopentecostalismo* é. No final, o *neopentecostalismo* está na mente de quem acha que crentes não podem falar de dinheiro ou que só podem falar de pobreza, já que riqueza implica ser *neopentecostal*.

As soluções não são humanas, antes, seguem o raciocínio de que Deus tem a resposta para cada aspecto governamental. E não só isso, Deus governa, e criou diferenças mesmo entre os anjos (evidenciado pelo fato de haver arcanjo, anjo, principado e potestade). Essas diferenças foram estabelecidas entre Deus e Adão, entre Adão e Eva, e entre eles e seus filhos. Para tudo Deus estabeleceu um tipo de governo e uma ordem. Porém, Deus estabeleceu que essas coisas funcionassem num mundo perfeito. Portanto, se é assim, somente aqueles que foram

criados para tal mundo têm a legitimidade original para conduzirem o governo e levarem ele de volta ao seu estado original.

Não se precisa ser uma democracia “cristã”. Não é o povo que governa, mesmo que o povo seja cristão. É a lei de Deus. Este foi o princípio que estava na mente dos Puritanos que vieram para o Novo Mundo, com a intenção de estabelecer um governo justo. Os Puritanos também pensaram nisso quando elaboraram a Confissão de Fé de Westminster.¹⁷ É evidente que conseguiram construir uma grande nação, e precisamos retornar para seus ensinamentos se quisermos não só manter ela, mas fazer outras deste modo também.



Wallas Pinheiro, cursando Licenciatura em Filosofia, é Designer e Tradutor da Editora Caridade Puritana. Membro da 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares, é casado com Samira Pinheiro.

¹⁷ FOULNER, Martin A. *Theonomy and the Westminster Confession* (1. ed. Edinburgh: Marpet Press, 1997).

A COGNOSCIBILIDADE DE DEUS

Começamos com a realidade de que Deus é, sim, Incompreensível, porém, Cognoscível (que pode ser conhecido.) Em outras palavras, não vamos conseguir reduzir Deus a um conceito de compreensão, pois nossa mente é limitada. Porém, Deus se faz conhecer de acordo com o que Ele deseja revelar sobre Si mesmo ao homem.

Esse é o cerne da questão quando tratamos o assunto sob a perspectiva da teologia reformada: Deus pode ser conhecido, mas, é claro que, ao homem, é impossível ter um conhecimento perfeito e

exaustivo de Deus. Por razões óbvias, o homem não consegue, em sua limitação, trazer uma definição clara de Deus no sentido estrito da palavra. Portanto, só é possível descrever a Deus de forma parcial. Se usarmos a razão lógica para definir Deus, enfrentamos a certeza de tentar reduzi-lo ao limite de nossa capacidade intelectual.

Porém, o conhecimento de Deus só pode ser adquirido a partir da Autorrevelação de Deus, e cabe ao homem enfrentar o desafio de compreender isso mediante a fé. Esse tipo de conhecimento é

o que coloca em evidência o relacionamento entre Deus e os homens, sendo que, a estes, fica clara a absoluta soberania, majestade e grandeza de Deus e a insignificância de si mesmos diante dEle.

A negação da cognoscibilidade de Deus

Há muito tempo, a possibilidade de conhecer a Deus tem sido negada através de diversas perspectivas. As maiores contestações são apoiadas nas limitações das faculdades cognitivas humanas, isto é, estas contestações se baseiam na

afirmação de que a mente humana é incapaz de conhecer qualquer coisa além do que é natural e, portanto, necessariamente superficial, o que acaba por cegar o homem nas questões transcendentais e espirituais. Aqui, vemos o exemplo do típico pensamento agnóstico, que não nega diretamente a existência de Deus, mas que põe em dúvida se Ele existe ou não.

A argumentação agnóstica foi influenciada e até mesmo estabelecida por nomes como Hume, Kant, Sir Willian Hamilton, Herbert Spencer entre outros. Vamos observar a seguir quais são os pontos comumente usados para sustentar a negação da *Cognoscibilidade de Deus*:

- **O homem só tem conhecimento mediante analogia.** Esta afirmação argumenta que só podemos conhecer algo que tenha algum tipo de analogia com a nossa experiência e natureza. Concordo que isto é um fato, que aprendemos muitas coisas por analogia. Porém, aprendemos muitas outras coisas por contraste. Inclusive, no contraste, são justamente as diferenças que nos apontam um campo de conhecimento. Ponto este que os escolásticos utilizavam em seu pensamento, pois eliminavam de Deus as imperfeições das criaturas. Aos cristãos, algo que

nunca podemos esquecer, é que somos à imagem de Deus. Portanto, há analogias entre a natureza divina e a natureza humana.


- **O homem realmente conhece somente aquilo que ele pode captar em sua totalidade.** Esta é a tese que argumenta que o homem, que é finito, não pode compreender Deus que é infinito, e por não dominar o infinito, logo, não pode conhecer a Deus. O grande problema dessa afirmação é o fato de invalidar um conhecimento parcial. Obviamente, um conhecimento parcial é um conhecimento real. Se tratarmos todo conhecimento parcial como inválido, todos os campos do conhecimento deveriam ser invalidados, o que não faz o menor sentido.
- **Todos os predicados de Deus são negativos e, portanto, não fornecem conhecimento real.** A lógica de Hamilton consiste em dizer que o infinito e o absoluto só podem ser compreendidos com um nível muito alto de negação, e, portanto, não podemos receber nenhum tipo de concepção a partir deles. Para os cristãos, esse tipo de afirmação não é um dilema, até porque, amor, espiritualidade, santidade, benevolência e diversos outros atributos de Deus são predicados positivos. Ainda que não consigamos

conhecer a Deus em sua totalidade, o que em parte corrobora com os predicados negativos, as ideias sobre Deus são positivas.


- **Todo o nosso conhecimento é relativo ao sujeito que exerce o conhecimento.** É a tese que argumenta que fazemos uma leitura do conhecimento a partir de nossos sentidos e capacidades, e não como o conhecimento de verdade é. O problema desta afirmação é que ela anula a realidade objetiva, que é o conhecimento real. Levemos também em conta que as leis de percepção não são arbitrárias e correspondem diretamente à natureza das coisas e do campo de estudo, e sem essa correspondência, qualquer tipo de conhecimento verdadeiro seria impossível.

Autorrevelação: requisito de todo o conhecimento de Deus


Uma vez que entendemos e superamos as argumentações que tentam negar a cognoscibilidade de Deus, vamos examinar e compreender as formas que Deus nos concede para O conhecer.

 **Deus transmite conhecimento de si próprio ao homem.** A teologia é diferente em sua forma de

busca do conhecimento, pois, em outras áreas da ciência, como investigador, o homem se posiciona acima do objeto de sua pesquisa e, de forma ativa, utiliza o método que lhe for mais conveniente para extrair o conhecimento. No caso da teologia, não há a possibilidade de o homem se posicionar acima de Deus, pois o homem só pode conhecer a Deus na medida em que Deus, de forma ativa, se faz conhecido. E mesmo após Deus revelar-se de forma objetiva, o homem só compreende algo dessa revelação se Deus lhe abrir os olhos, ou seja, não é a razão humana que faz o homem conhecer Deus.

 **Conhecimento de Deus, inato e adquirido.** Conhecimento *inato* é aquele que tem origem na própria constituição da mente humana, sendo esta à imagem e semelhança de Deus. Este não é o tipo de conhecimento que se adquire através do esforço humano, mas sim, que está no homem. Já o conhecimento *adquirido* é o resultado do estudo de Deus após a revelação ativa de Deus. Este não tem uma origem espontânea, pois somente através de muito esforço e dedicação, sob a orientação do Espírito Santo, é que tal conhecimento é estruturado.

**DEUS PODE SER
CONHECIDO,
MAS, É CLARO
QUE, AO
HOMEM, É
IMPOSSÍVEL
TER UM
CONHECIMENTO
PERFEITO E
EXAUSTIVO DE
DEUS.**

 **A revelação geral e a revelação especial.** Na Bíblia, podemos encontrar em diversos versículos que há uma revelação de Deus na natureza, na ordem do mundo e na mente do ser humano, sendo estes exemplos da *revelação geral* (passagens como as de Salmos 19:1, Atos 14:17 e Romanos 1:19-20). Sobre a *revelação especial*, podemos encontrar exemplos claríssimos em passagens como 2 Reis 17:13, Salmos 103:7, João 1:18. Hebreus 1:1-2, etc. Ainda sobre a *revelação natural* (outro nome para a revelação geral) e a revelação especial, as maiores discussões sobre o tema têm origem na distinção da forma com que ambas são comunicadas ao homem, e as evidências presentes no decorrer da história. Na teologia reformada, a distinção entre ambas consistia em apontar que a revelação natural está encarnada nas coisas, e a *revelação sobrenatural* (outro nome para a revelação especial), está na Palavra de Deus. Notamos, também, que a revelação geral está enraizada na Criação e que ela é dirigida de forma particular à razão humana, e que consiste na descoberta do propósito da vida do homem, que é conhecer a Deus e ter comunhão com Deus. Já a

revelação especial está enraizada no eterno plano de redenção do Senhor, que está direcionado ao homem que é pecador, e que somente mediante a fé pode ser compreendido. A revelação especial também mostra que, apesar da escravidão do pecado, o homem foi criado para ter comunhão com Deus.

Conclusão

Este artigo não esgota o tema, até mesmo porque há uma ampla discussão filosófica sobre o mesmo ao longo da história. Porém, conseguimos compreender como Deus se revela ao homem, quais são as argumentações frágeis que dizem que Deus não pode ser conhecido e como, biblicamente, conseguimos comprovar a revelação natural e especial de Deus.

O fato de entendermos como podemos conhecer a Deus é de extrema relevância, justamente por discernirmos que o Senhor nos abriu os olhos para buscarmos mais conhecimento dEle. A misericórdia de Deus foi manifestada em nossa vida quando passamos a compreender que através de nossos esforços humanos, nós nunca iríamos encontrá-Lo, pois é Ele Quem nos encontra, nos chama, nos abre os olhos, nos dá a fé, e a capacidade de estudarmos sua Santa Palavra, sob a orientação do Espírito Santo.

Deus os abençoe. Em Cristo.



Marco Cicco é Bacharel em Ciências Contábeis, Bacharel em Teologia, Extensões Universitárias em Custos, Negócios e Administração Financeira, MBA em Compliance e Risco, MBA em Gestão e Liderança de Equipes com Habilitação em Docência no Ensino Superior, MBA em Gestão Tributária, Mestre em Divindade (M.Div) em Estudos Bíblicos e Pastorais. Criador do Evangelho Inegociável, é pastor na Igreja Anglicana Reformada.

NOTAS DA XÍCARA MALUCA

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele.

Bem-vindo ao poema dele. À peça dele. Ao livro dele. Ignore as cestas de frutas e as estátuas. Deixe que as páginas toquem seus dedos.

ESTE É O MUNDO FALADO POR ELE.

A vida cristã como uma **OBRA DE ARTE**

“Bem-vindo ao poema dele. À peça dele. Ao livro dele.”

Essa frase é do intenso livro *Notas da Xícara Maluca*, do autor N. D. Wilson. Ele escreve sobre habitarmos um mundo cheio de conflitos e trevas, um mundo do tipo redondo, úmido, com pessoas que matam e pessoas que amam. Dessa leitura, dentre diversas reflexões, a frase “o mundo é belo, mas terrivelmente esfacelado”, mais uma vez me fez olhar para os dias e novamente perceber o quão

fácil é perdermos a criatividade no viver, e cedermos à insatisfação ou atalhos, deixando escapar esse “belo” do mundo também esfacelado.

Francis Schaeffer escreveu sobre vivermos a vida cristã como uma obra de arte. Ele falou sobre todas as pessoas serem artistas nesse sentido - mesmo não tendo o “dom da escrita, nem da composição ou do canto”, todas “tem o dom da criatividade no que diz respeito à forma como vive a sua vida” (essas são as últimas palavras

do seu livro *A Arte e a Bíblia*. Aprender a ver a nossa própria vida como parte de uma narrativa maior deve nos levar a aguardar com paciência o desenrolar dessa história. Bem como nos diz Romanos 8:28: “*Porém, se esperamos por algo que ainda não podemos ver, com paciência o aguardamos*”.

Mesmo que períodos sombrios e de aparente abandono estejam inclusos nessa narrativa, a conclusão é como a da história do reencontro de José com os irmãos que o traíram: “*Vocês planejaram o*



mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos” (Gênesis 50:20). A vida de José estava destinada a um propósito maior do que o que ele estava conseguindo imaginar ou entender, mas Deus sabia o fim desde o começo.

Um pintor, por exemplo, quando está a criar uma obra - somente ele sabe o fim daquele primeiro traço sobre o papel. Quem vê de fora pode não entender, mas ele tem o controle sobre a sua obra e todos os traços têm um sentido. Pode ser interessante essa perspectiva artística da vida, pois ela também desaguará na criatividade, o que pode mudar muito a

qualidade das nossas ações e nossa maneira de conceber o tempo. O ser humano é uma obra das mãos de Deus, e está sendo transformado em um tipo de pessoa capaz de viver a vida eterna. Pode-se ver a vida dessa perspectiva artística, na qual o homem é chamado a entrar nela ativamente, servindo a Deus e ao próximo no tempo presente.

Não apenas viver a vida dessa forma, mas também apreciar o mundo assim. *“O mundo anuncia a glória de Deus, um dia faz declaração a outro dia”*. Se deleitar com os lírios do campo, com a beleza das aves, com o cheiro do chá de camomila, com os padrões matemáticos da natureza, com a luz oblíqua da tarde, o cinza

da chuva, a semente que morre para dar o seu fruto, a colheita de amoras, o bom vinho, o vento bom de se ouvir... O mundo está repleto de lições silenciosas, como abordadas no livro de Wilson. Jesus disse: *“Olhai os lírios do campo”*. Ele ensinou tanto através do mundo natural e das coisas simples que compõem a obra de arte!

O ser humano está vivendo nesse mundo belo e esfacelado, onde toda a Criação geme e suporta angústias, sendo transformado de glória em glória, ansiando a eternidade, e, desde já, livre pelo santo sacrifício de Jesus. O Senhor o resgatou para uma viva esperança e desde já o homem pode viver em novidade de vida, redimido, livre para criar e se encantar (sim, se encantar) com o mundo, tendo todo o fortalecimento de Deus através de Sua Palavra para suportar a parte esfacelada dele, sabendo que não será fácil, que a criação geme, que o amor está esfriando, e a maldade se multiplicando. À luz das Escrituras, onde a verdadeira natureza humana caída é revelada, há embasamento para se ter uma reação diferente e esperançosa diante de tudo isso, que contrasta com a reação do restante do mundo frente aos problemas (de todos os níveis de gravidade).

O esfacelamento do mundo, revela que, como seres humanos, estamos sempre em

luta com a nossa natureza ruim - seria ela os tons frios do quadro artístico. Todos os dias, será mais fácil xingar, se irritar, fazer de qualquer jeito, ser indiferente, agir sem carinho. Todos os dias, será mais fácil ser quem realmente somos: homens caídos. Porém, não foi para permanecermos na velha natureza do homem que cede às suas paixões (Efésios 4:22) que o Verbo encarnou - não é na realidade dessa antiga maneira de viver que Jesus nos quer. Ele nos ensinou a nos despirmos do velho homem e nos vestirmos do novo, renovados no modo de pensar. Aqui, colorimos nossa obra de arte, adicionamos luz a ela.

Essa nova natureza de Deus para nós, nos faz não vivermos mais como antes, ansiosos de um lado a outro. Se portar de forma desesperada causa um desencontro com o propósito da *“carta lida por todos”* de 2 Coríntios 3:3, com a *“candeia”* acesa para clarear toda a casa, e com o sal da Terra de Mateus

5:13,15. Temos as Escrituras que influenciam nossa imaginação.

“quando permitimos que a Verdade sobre a qual meditamos consuma nossos pensamentos e imaginação de forma consistente, tornamos isso mais real do que nossas circunstâncias”. (Vanessa Belmonte)

Como obras, não estamos acabados, e isso ainda nos gerará um desconforto, pois *“ainda não se manifestou o que haveremos de ser”* (1 João 3:2). No entanto, confiamos no Artista e prosseguimos criativamente na composição dessa obra de arte que é nossa vida, de modo a contrastar com um mundo perdido e desesperado.

Finalizo com um parágrafo do livro do N.D.Wilson:

“Agradeço a Deus pelos olhos na minha cabeça e pelo furor do mundo girante que esses olhos enxergam. O mundo, moldado

pelas palavras dele, jamais poderá ser domado pelas minhas. Contudo, existe a alegria a ser conquistada de tentar e fracassar. Meus cortes e feridas sararão. Posso viver o bastante para tentar de novo.”



Francine Cabanas Tobin é Fotógrafa, artesã e musicista da Igreja Assembleia de Deus Jardim Botânico/POA. Graduada em Fotografia, pela ULBRA, em Canoas - RS. Através da fotografia artística, vem buscando retratar a teologia, usando a fotografia como narrativa, criando séries fotográficas com uma poética visual inspirada na cosmovisão cristã.



GABRIEL FERREIRA

DESIGNER GRÁFICO | FREELANCER

Olá, sou Gabriel Ferreira, designer freelancer e criador da capa.
Inspiro-me no melhor designer e criador de todo universo, nosso Deus.

Te convido para conferir minhas redes sociais e acompanhar um
pouco mais do meu trabalho.



/gfdesigner



@gsfdesigner